REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO AMÉLIA BEVILÁQUA
#48

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO
ITAMAR VIEIRA JUNIOR
NÉLIDA PIÑON
ARTE NA CORDA BAMBA

www.revistarevestres.com.br

R$ 15,00
9 772238 847009

Fotos: SECULT

E + CULTURA

A luz do talento brilha no Piauí

O **E+Cultura** disponibiliza mais de **R$ 6 milhões** em patrocínio com recursos incentivados para **71 projetos**, sendo mais de um milhão de pessoas alcançadas. De norte a sul do Piauí, segmentos como música, dança, teatro, cinema, literatura e patrimônio público foram amparados pela plataforma. Assim, esses projetos ganham uma nova chance de contribuir no desenvolvimento social do estado.

E+ Cultura

SIEC

CULTURA
Secretaria de Estado da Cultura do Piauí / SECULT

Piauí
GOVERNO DO ESTADO

equatorial
ENERGIA

EDITORIAL
POR ANDRÉ GONÇALVES

O BÊBADO E A FUNÂMBULA

Não, ninguém está realmente bem. Sim, vai passar. Mas, quando? Quantos de nós estaremos inteiros, íntegros, quando tudo isso passar? Mas, vem cá: vai mesmo passar?

Diante das mais duras incertezas que nossa geração já viveu, a sensação é mesmo de que estamos, todos, como funâmbulos bêbados atravessando um penhasco em uma corda bamba. E com vento forte. E com chuva. E com a tarde caindo, sobre nós, como um viaduto.

Se a cultura e a arte parecem viver eternamente em meio a perrengues (excetuando-se as microbolhas de quase sempre, é claro), mais do que passar perrengue as pessoas artistas, produtoras culturais e segmentos inteiros estão se virando como podem, e sem nenhuma garantia de quando nem como será possível pisar com um dos pés em solo minimamente firme do outro lado da corda bamba. Nesse eterno março de 2020 em que tudo fechou, parou, mudou, que já dura mais de um ano e que afeta todas as classes trabalhadoras desse país, as pessoas envolvidas com arte e cultura estão tentando se reinventar mesmo sem saber muito bem como e para quê. Sobreviver e se refazer, ao mesmo tempo.

Nesta edição, produzida mais uma vez ao ritmo das possibilidades e tentando soprar um pouco de alívio nas tantas dores da pandemia que já nos levou quase 400 mil brasileiras e brasileiros, conversamos com algumas pessoas que estão, como tantas, nesse processo de reinvenção. A reportagem *Arte na corda bamba* é um pequeno recorte desse enorme ponto de interrogação em que estamos metidos junto com o Coronavírus.

No novo modo que o mundo encontrou para estar junto, através da tela do computador, entrevistamos Ignácio de Loyola Brandão. Exímio construtor de distopias e pragmático vivente pós-aneurisma, Ignácio conta que enterrou livros "ruins" no quintal - vindo de quem veio a história, impossível saber se é fato ou conto -, que não precisa inventar nada já que "está tudo aí, é só ir à janela e olhar" e só parou a conversa porque estava com fome.

Outra entrevista da edição é com Itamar Vieira Junior, autor do livro mais badalado do Brasil no momento, o belo *Torto Arado*. O baiano que escreveu a história tocante das irmãs Belonísia e Bibiana fala, em nossas páginas, sobre o livro, sobre racismo estrutural e, claro, sobre suas várias premiações.

Da Bahia, ainda, Nelson Maca, o poeta que joga sua negritude em seus poemas e faz, de seus versos, um "quilombo ardente", buscando rachar as estruturas. De Oeiras, Piauí,a tradição de quase um século de seus bandolins, conhecidos mundo afora a partir de um grupo de senhoras e que, ainda hoje, se mantém viva e promete seguir firme com jovens músicos e desafiando as probabilidades. E você sabe: sempre temos mais pequenas surpresas e presentes dentro da edição. Aproveite todas.

Pois aí está, de novo, a Revestrés, agora em sua edição #48, que homenageia a escritora Amélia Beviláqua. A gente segue insistindo, como seguem insistindo artistas mundo afora, nos ajudando a sobreviver e a acreditar que haverá um mundo depois de tudo isso. Haverá. Sabemos que uma dor assim pungente não há de ser inutilmente. Estamos aqui para ajudar você a se lembrar disso.

Na sua vez, vacine-se. Siga usando máscara. Cuide-se e cuide dos seus. Cuidemos, todos, uns dos outros.

REVES TRES
LITERATURA ARTE CULTURA E ALGO MAIS

Quimera
EVENTOS, CULTURA E EDITORAÇÃO

REVISTA REVESTRÉS
EDIÇÃO AMÉLIA BEVILÁQUA
ISSN 2238 8478 - Nº48
Março-Abril-2021

Uma publicação da:
Quimera – Eventos, Cultura e Editoração Ltda

ASSINATURAS, ANÚNCIOS, CONTATOS, E NÚMEROS ANTERIORES

Rua Arlindo Nogueira,
nº 510 – norte, sala 204,
Centro. Cep 64000-290
Teresina - PI
Telefone: (86) 3011-2420
(86) 3011-2420 / 9 8884-7366
www.revistarevestres.com.br
revistarevestres@gmail.com
facebook.com/revistarevestres
twitter.com/@derevestres
instagram: @revestres

DIRETORES RESPONSÁVEIS
André Gonçalves
Wellington Soares

CONSELHO EDITORIAL
André Gonçalves
Luana Sena
Wellington Soares
Samária Andrade

ADMINISTRATIVO
Adriano Leite

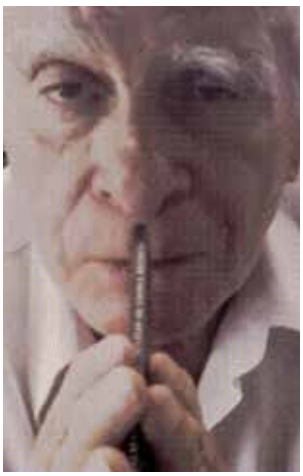
REPÓRTERES
Aldenora Cavalcante
Luana Sena
Ohana Luize
Valéria Soares

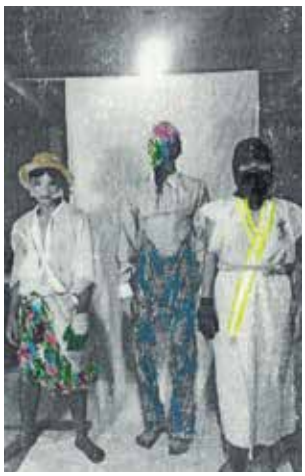
EDITOR DE FOTOGRAFIA
Maurício Pokemon

DIREÇÃO DE ARTE
Área de Criação

IMPRESSÃO
Halley SA Gráfica e Editora

SUMÁRIO





08 ENTREVISTA
Ignácio de Loyola Brandão: "Eu era tão ansioso que entrava no prédio com a chave na mão pra abrir a porta do apartamento. Agora sinto que tô vivo!"

26 HOMENAGEM
O pioneirismo feminino de Amélia Beviláqua.

28 REPORTAGEM
Com um ano de pandemia, artistas refletem sobre produção e possíveis caminhos.

36 ENSAIO
Forgive Gui: no desfile performático de Gui Fonteneles, deslocamentos, corpos, sensações.

46 MÚSICA
Bandolins de Oeiras: tradição e novos talentos na primeira capital do Piauí.

50 POESIA E PERFORMANCE
O Quilombo ardente de Nelson Maca, poeta, professor e produtor cultural.

54 BRASIL
Itamar Vieira Junior: o Torto Arado no mundo.

62 GASTRONOMIA
Comida é política: veganismo popular e acessível.

20 OPINIÃO
Viviane Brochardt e Flávia Londres

22 OPINIÃO
Por Alexandra Vieira de Almeida

24 CRÔNICA
Por Rogério Newton

66 PEIXE VORAZ
Por Leo Galvão

68 TRABALHOS NO SUBSOLO
Por Manoel Ricardo de Lima

72 EU QUE FIZ
Por Fábio Crazy

74 FICÇÃO
Por Nélida Piñon

76 10 DICAS
Por Milena Rocha

77 REVES DICAS
Livros e filme

78 UM OUTRO OLHAR
Por Diego Mendes Sousa

ARMANDINHO
POR ALEXANDRE BECK

FALA LEITOR

Através de Mauricio Pokemon, conheci a revista REVESTRES, de Teresina, Piauí. Uma boa surpresa... tão rara nesses tempos. Uma equipe integrada e atuante. Pautas relevantes. Neste número tem uma entrevista minha, mas a REVESTRÉS vale a pena ser conhecida e lida por seus números anteriores. Este país é cheio de descobertas...até para nós, brasileiros. Boa leitura!
NAIR BENEDICTO - FACEBOOK

FRANCISCA TRINDADE

Agora sim uma homenagem mais que justa, justíssima. Trindade escreveu uma história na política piauiense, com a marca da negritude, com ética, caráter e coerência.
PAULO AQUINO - FACEBOOK

Mulher forte, incrível, difícil de esquecer!
PÂMELA BASÍLIO – INSTAGRAM

MÚSICA - LO-FI

Sensacional! Uniu minhas filhas a mim.
HÉLDER FERREIRA - INSTAGRAM

REPORTAGEM PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALAMOS DE VANDRÉ

Achei uma boa introdução ao universo do Vandré, para quem não conhece ou conhece pouco. O texto flui bem. Senti falta de uma contextualização, de falar de outras coisas que ele fez, outros festivais, por exemplo... A citação de "Disparada" poderia ser um gancho para falar da disputa com "A Banda". Ou falar que, 50 anos depois, ele voltou a cantar "Caminhando" no Brasil, nas apresentações de João Pessoa. Daria uma atualidade ao texto. Uns errinhos... É Wanice e não Vanice Nogueira. "Caminhando" não ficou "quase 20 anos" proibida: foram 11. A música do Zeca Baleiro é parceria com o Chico César. E, por fim, o Aspirante Basto, pelo menos quando fiz a pesquisa para o livro, passei a achar que era um pseudônimo – não achei um general com esse nome. No geral, gostei. A revista é bem feita. A entrevista com Nair está muito boa.
VITOR NUZZI, BIÓGRAFO DE GERALDO VANDRÉ, POR WHASTSAPP

Música icônica que virou um hino contra a ditadura militar! Guardo na memória esse Festival da Canção, transmitido pela Rádio Globo do Rio, e eu grudada no rádio de pilha de meu pai, em São Raimundo Nonato (PI), aos 17 anos. No outro dia já cantava a canção com as amigas! A história não morre jamais, está aí a Luana para confirmar. E de novo estamos atravessando um período obscuro da História, precisando cantar e cuidar de nossos jardins para que as flores floresçam.
CLAUDETE DIAS - FACEBOOK

UM ENCONTRO SEM GRANDES CONSEQUÊNCIAS

Só hoje li um texto do Pedro Henrique Santos Queiroz sobre o encontro de Lula com Petrônio Portela. Eu era da Veja e cobri o encontro, sou a figura que aparece na foto e ele supõe ser um repórter. Na mesma noite jantei com Lula, junto com o dr. Maurício e com o também jornalista Armando Rollemberg e ele nos contou toda a conversa e por que não vestiu o paletó. Abraço,
HÉLIO DOYLE, VIA FACEBOOK

COLABORADORES#48

ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA / Opinião
Poeta, contista, cronista, resenhista e ensaísta. Doutora em Literatura Comparada (Uerj), professora da Sec. de Estado de Educação (RJ) e mediadora de ensino superior à distância no Consórcio CEDERJ-UAB-UFF. Tem sete livros de poesia, o mais recente *O pássaro solitário* (Penalux, 2020). Publica em vários meios, como *Revista Brasileira*, da Acad. Brasileira de Letras, *Jornal Rascunho, Suplemento Literário de Minas Gerais* e outros.

ALEXANDRE BECK / Armandinho
Catarinense, é formado em Agronomia e Comunicação Social. Trabalha como ilustrador e cartunista há mais de 15 anos. Seu personagem Armandinho surgiu em 2009 e, no ano seguinte, passou a ter espaço permanente como tira de jornal. Sucesso nacional, a página de Armandinho no Facebook tem, hoje, mais de um milhão de seguidores.

DIEGO MENDES SOUSA / Um outro olhar
Poeta piauiense e filho da Parnaíba. Advogado, Indigenista e Jornalista. É autor de dez livros de poemas, dentre eles, *Metafísica do encanto* (2008) e *Velas náufragas* (2019). Em 2013, recebeu o Prêmio Castro Alves da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro (UBE-RJ) pelo conjunto da obra.

FÁBIO CRAZY / Eu que fiz
Fábio Christian, vulgo Crazy, é operário da arte com interesses criativos em música, dança, teatro, imagem e literatura.

FLÁVIA LONDRES / Opinião
Agrônoma, mestre em Práticas em Desenvolvimento Sustentável e autora, entre outros títulos, do livro *Agrotóxicos no Brasil – um guia para ação em defesa da vida*.

GUI FONTINELES / Ensaio
29, performer, designer, videomaker e assistente de produção. Idealizador da "forgive gui", plataforma de pesquisa e criação em costura. Artiste residente do espaço cultural CAMPO – Arte Contemporânea em Teresina/PI. Assistente do coreógrafo Marcelo Evelin, juntos fazem o fanzine do CAMPO com 8 edições publicadas. Também é diretor do curta-metragem Cibele (2020).

JOÃO BRENTANO / Reportagem
Barreirense de corpo e baiano de alma, João Victor é um estudante de arquitetura que se aventurou em terras modernistas da Universidade de Brasília. Desenha tudo que for místico e tudo que lhe vem à cabeça, e por seu instagram @joao.cria foi encontrado pela Réves para ilustrar um pouquinho desta edição.

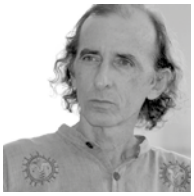
KASSIO GOMES / Entrevista
Presidente da Fundação Quixote, promotora do SALIPI (Salão do Livro do Piauí). Professor de Literatura e História da Arte, biógrafo do escritor Permínio Asfora, editor de livros e membro da Academia de Letras da Confederação Valenciana – ALCV. Graduado em História e licenciado em Letras-Português (Uespi). Especialista em Metodologia e em Docência do Ensino Superior. Vereador no município de Valença do Piauí.

LEO GALVÃO / Peixe voraz
Relações Públicas, faz amizade na fila de qualquer lugar e dentro do elevador, dorme cinco horas por noite, odeia palavras em inglês e é devoto absoluto de paçoca, maria isabel e carne de sol, nesta ordem.

foto: Amanda Queiroz

MANOEL RICARDO / Trabalhos no subsolo
Professor da Escola de Letras e do PPGMS, Unirio. Publicou *Pasolini: retratações* (7Letras, 2019, com Davi Pessoa), *Avião de alumínio* (Quelônio, 2018, com Júlia Studart), *Maria quer o mundo* (Edições SM, 2015), entre outros. Coordena a coleção Móbile de miniensaios (Lumme Editor).

MILENA ROCHA / **10 dicas**
Jornalista formada pela Ufpi. Atua como realizadora audiovisual com o coletivo de cinema independente LabCine no semiárido brasileiro. Vive a compartilhar a vida, documentando recortes de gênero e juventude em territórios diversos.



ROGÉRIO NEWTON / **Crônica**
Cronista, poeta, romancista. Publicou *Ruínas da memória* (1994), *Pescadores da tribo* (2001), *Último round* (2003), *Conversa escrita N'água* (2006), *Grão* (2011), *No coração da noite estrelada* (2015) e *Crônica dos enigmas de Oeiras* (2017).

NÉLIDA PIÑON / **Ficção**
Primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras (ABL). Em 2005, pelo conjunto da obra, recebeu o Príncipe de Astúrias. Em 2021, comemora os seus 60 anos de literatura desde a publicação de *Guia-mapa de Gabriel Arcanjo* (1961). Doutora *honoris* causa de importantes Universidades, como Florida Atlantic, Montreal e Santiago de Compostela.

VIVIANE BROCHARDT / **Opinião**
Jornalista, doutora em Comunicação e pesquisadora em Direito à Informação e sobre Agrotóxicos.

A Revestrés agradece às leitoras e leitores que nos apoiam em nossa campanha de financiamento coletivo no **Catarse** e no **Amigos Revestrés**. Muitíssimo obrigado!

ANDREIA SOARES
ASSUNÇÃO SOUSA
CAIO NEGREIROS
CAROLINA DE MOURA
CLEGIVALDO LEAL
CONCEIÇÃO VALENTE
DANIELLE CRAVEIRO
DONA RAIMUNDA
DOUGLAS MACHADO
ELIO FERREIRA
EMERSON ARAÚJO
ERICH GUSTAVO A. DE OLIVEIRA
FLAVIANO MARQUES
FRANCISCO ANTÔNIO
FRANCISCO LUCAS
FRANCISCO RUFINO
FREDERICO OSANAN
GEORGIA FERREIRA
HELDER SOUSA JACOBINA
HILDALENE PINHEIRO
ISADORA MELO
JOÃO FONTELES
JOÃO L ROCHA NASCIMENTO
JONAS MORAES
JOSÉ CARLOS ELIAS (FEIJÃO)
KAROLINE SILVA
KAYO DOUGLLAS
LAURENICE FRANÇA
LUCINEIDE BARROS
MARIA DE LOURDES DE ALMEIDA
MARIA F CARVALHO
MARIA SOCORRO
MARIA SUELI RODRIGUES DE SOUSA
MARIA FRANCISCA
MAYRA BRANDT SOARES LEÃO
MOISÉS OLIVEIRA
NAYARA SUYANNE SOARES COSTA
NOUGA CARDOSO
OLÍVIA ROCHA
PAULO PAIM
PEDRO JANSEN
PRISCILLA CARVALHO
RAIMUNDO DUTRA
RENATO LELIS
RITA SILVANA ORSANO
SÔNIA TERRA
SUSYANNE ALVES DE OLIVEIRA
TATIANA SOBRAL
TÉRCIO CÂMARA
VICENTE GOMES
VILMA DE BRITO
VIVIANE CARVALHO
WALBER TEIXEIRA LUSTOSA
WILSON SERAINE

ESSA EDIÇÃO TEM APOIO CULTURAL DA EQUATORIAL ENERGIA POR MEIO DO SIEC (SISTEMA ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA) DA SECRETARIA DE CULTURA DO GOVERNO DO PIAUÍ.

ENTREVISTA ЯEVESTRÉS
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

QUEM PARTICIPOU DESTA ENTREVISTA:

André Gonçalves
Publicitário, escritor, fotógrafo

Maurício Pokemon
Fotógrafo

Samária Andrade
Jornalista, professora da Uespi

Wellington Soares
Professor e escritor

Kássio Gomes
Convidado Revestrés

CONTRA TUDO O QUE HÁ DE RUIM

Ele sente falta de estar com as pessoas, conta que enterrou livros no quintal,como superou a ansiedade e diz seu método para escrever: "É só olhar pela janela. Tá tudo aí".

EDIÇÃO SAMÁRIA ANDRADE

FOTOS MAURÍCIO POKEMON (VIA ZOOM)

Ignácio NÃO é um homem comum que come, dorme, mija, anda, corre, ri, chora... Devido à pandemia, agora ele passa grande parte do dia em casa, em seu escritório, em frente ao computador. É por lá que conversa com a equipe de Revestrés naquela noite chuvosa de se ouvir os trovões, tanto em São Paulo como em Teresina. Pelo espaço exíguo da tela do computador é possível ver pouco de seu ambiente: uma estante de livros, um dicionário Houaiss, uma gata que pula em frente ao teclado e é retirada delicadamente, a esposa Márcia, arquiteta, que chega e, com simpatia, quer saber com quem o marido conversava.

O escritor Ignácio de Loyola Brandão, 84 anos, nasceu em Araraquara, cidade com pouco mais de 200 mil habitantes no interior de São Paulo, filho de um ferroviário e uma dona de casa. É autor de livros memoráveis da literatura brasileira, como *Zero*, que começa assim: "José mata ratos num cinema poeira. É um homem comum, 28 anos, que come, dorme, mija, anda, corre, ri, chora, se diverte, se entristece, trepa, enxerga bem dos dois olhos, tem dor de cabeça de vez em quando, mas toma Melhoral".

Quando Ignácio teve dores de cabeça, comprimidos não resolveram. Descobriu um aneurisma e se submeteu a uma cirurgia de risco. Mas garante que saiu transformado da experiência. "Eu vinha na rua e acelerava pra passar no sinal verde. E falei 'Pra que isso? Tô correndo atrás de quê'".

Seu romance *Zero* foi publicado em 1974, na Itália, e proibido de circular no Brasil pela ditadura militar. A história do personagem José continua: "Lê regularmente livros e jornais, vai ao cinema sempre". E essa poderia ser também um pouco a história de Ignácio. Ele trabalhou parte da vida em alguns dos maiores jornais do Brasil – como *O Estado de S. Paulo*, onde ainda mantém coluna. E continua apaixonado por cinema. Aliás, foi pelo cinema que se aproximou do jornalismo: descobriu que os dois jornais de sua Araraquara tinham entrada livre para críticos de cinema, mas não tinham críticos. Tornou-se um. E passou a assistir a tudo que é filme. Quando juntou boa coleção de textos publicados, mudou-se para São Paulo. Aos 21 anos, arrumou emprego de repórter no *Última Hora*, de Samuel Wainer. Agora tinha, numa mesa próxima à sua e sem muito tempo para estagiários, Nelson Rodrigues. E, na cidade, um mundo novo à disposição. "Eu era o caipirão e ali era São Paulo, com 300 salas de cinema, teatro, tudo!"

Nem tão caipirão. Bem informado e com bom inglês, o jovem jornalista era escalado para entrevistar astros e estrelas internacionais. Seguiu assim até o início dos anos 1980, quando deixa o jornalismo para se dedicar à literatura. Diz que ama o que faz, mas queria mesmo era ter sido cineasta. E o cinema atravessou novamente sua história quando, em 1963, aos 27 anos, foi se aventurar na Itália, sem falar uma palavra de italiano. Em Roma, passando em frente a um pequeno cinema, resolveu entrar. O filme era *8 ½*, de Federico Fellini, e a exibição já seguia pela metade. Conta que não entendeu nada e ficou para a sessão seguinte. Voltou no outro dia e mais outro e diz que, desde então, já viu o filme 148 vezes. A linguagem fragmentada de Fellini iria lhe influenciar. É nessa fonte que ele vai beber ao escrever *Zero* – um texto estilhaçado, com fragmentos diversos – trechos de notícias, recortes de frases, gravuras. Descobriu que aquilo podia formar um livro. Fez tanto sucesso que teve medo de ser um homem de um livro só.

Que nada. Sucessos tão retumbantes quanto foram, entre outros, *Não Verás País Nenhum* (1981), *Manifesto Verde* (1989), *O Menino que Vendia Palavras* (2008) e, mais recentemente, *Desta Terra Nada Vai Sobrar, A Não Ser O Vento Que Sopra Sobre Ela* (2018). Reconhecido pela qualidade da escrita, é constantemente convidado a escrever livros biográficos e de empresas e marcas – os chamados livros institucionais – que já chegam a 50. "Eu cobro bem. E faço direito."

Mas nem sempre foi assim. Quando achou que tinha escrito seu primeiro livro, teve a petulância de entregá-lo ao crítico literário Antonio Candido. Recebeu deste o conselho de que enterrasse aquela papelada no quintal, evitando o risco de que alguém o lesse. O mesmo crítico, mais tarde, elogiaria *Zero* como uma obra de "realismo feroz" – termo que usou para definir o que considerou as melhores produções da época.

Os reconhecimentos mais formais chegaram um pouco mais tarde. Em 2019, Ignácio de Loyola Brandão foi eleito, por unanimidade, para a Academia Brasileira de Letras (ABL) e, em janeiro de 2021, já de máscara por conta da pandemia de Covid-19, recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela Unesp – Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara.

Ignácio é gentil e bem-humorado. Tem voz anasalada e é um contador de histórias nato – inclusive das suas. Algumas são tão mirabolantes que fica-se em dúvida se de fato aconteceram, se ele estaria testando entrevistadores e leitores ou, quem sabe, criando um personagem naquele momento. Avisa que se permite interromper a entrevista em duas ocasiões: se a conversa ficar chata ou se tiver fome.

Fica indignado quando se refere a acontecimentos políticos atuais – "A gente vive uma distopia, porque não dá pra acreditar que isso que vivemos é a realidade, né?". Mas busca, na indignação, uma forma de resistência. Como o José, de *Zero*, que matava ratos no cinema, e que continua sua história assim: "Ele sabe que no dia em que tiver exterminado todos os bichos, perde o emprego. Um dia, não tinha mais ratos. José foi à Várzea, pagou 50 centavos a dois moleques, cada um trouxe três ratos. Assim, José continuou trabalhando."

Ao olhar nossa história recente é fácil supor que Ignácio não ficará sem trabalho. Aprendendo a mexer em redes sociais e aplicativos, ele usa seu computador como escudo e como lança: "Meu computador tá aqui, contra tudo o que tá aí, de ruim."

> HÁ UM GOVERNO TENEBROSO EM CIMA DA GENTE. MAS SINTO QUE É UM MOMENTO DE GRANDE SOLIDARIEDADE.

SAMÁRIA A pandemia e o distanciamento social têm imposto restrições e a paralisação de atividades culturais e artísticas. O escritor, que, em tese, trabalha mais recolhido, está a salvo neste momento?

IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO Nem estamos tão a salvo: eu andava o país inteiro fazendo palestras – que inclusive ajudavam a me sustentar financeiramente –, e elas desapareceram. Junto com minha filha Rita (Gullo), que é cantora, durante seis anos fizemos um show que eu adorava: *Solidão no Fundo da Agulha* – eu contava histórias minhas e ela cantava canções. A ideia surgiu quando ouvi no rádio (ele cantarola): "Siempre que te pregunto, Que cuándo, cómo y donde, Tu siempre me respondes, Quizás, quizás, quizás". Na hora me veio na memória a Araraquara onde nasci, as noites de domingo muito solitárias; eu em frente ao clube ouvindo uma orquestra maravilhosa – eu não entrava porque era pobre –, sentado num banco e tomando sorvete. Aí comecei a perceber que várias canções me lembravam momentos de vida. Fiz um livro e fizemos esse show. Eu sinto falta desses momentos, de contar histórias, de estar com as pessoas. Tô até acostumado a ficar sentado aqui, sozinho, e acho bom. E começaram a aparecer as *lives*: com escolas, centros culturais, programas de TV... Não ganhei um tostão esse ano que passou – por sorte tenho uma maravilhosa pensão do INSS (risos). Eu poderia ter ficado deprimido, mas as *lives* proliferaram e tenho falado com os lugares mais curiosos desse país! Tenho me comunicado de diferentes formas, tem essa coisa infernal do zap-zap (WhatsApp), eu me confundo todo, mas mando e recebo mensagens, foto, vídeo, uma frase. Há um governo tenebroso em cima da gente, a cultura vai diminuindo e não se sabe aonde vai parar. Mas sinto que é um momento de grande solidariedade, as pessoas procuram dizer coisas boas umas para as outras e isso é uma resistência. E meu computador tá aqui, contra tudo o que tá aí, de ruim.

ANDRÉ Quando tomou posse na ABL você disse que seus antecessores estavam sendo sucedidos por um ficcionista dedicado a entender o Brasil por meio do imaginário e da fantasia, às vezes usando o distópico. Em 2018, você escreveu *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*, que se passa num país onde a peste se tornou epidemia, os ministérios da Educação, Cultura, Direitos Humanos e Meio Ambiente foram extintos e ninguém governa. Esse livro é uma premonição ou a realidade supera a ficção?

ILB A realidade jamais vai superar a ficção e, ao mesmo tempo, a ficção jamais vai copiar a realidade. Antes disso, nos anos 1980, eu escrevi *Não Verás País Nenhum*. Sabe o que eu faço? Eu olho pela janela e passo isso pro computador. Tá tudo aí, é só olhar e escutar. Quando cheguei em São Paulo fui trabalhar no jornal *Última Hora*, com Samuel Wainer – é um grande orgulho da minha vida. Uma tarde cheguei no jornal, a redação estava vazia e quem estava lá, sentado? Nelson Rodrigues. Ele escrevia a coluna *A Vida Como Ela É* e eu admirava o Nelson. Ele ficava lá (faz grunhido ininteligível, curvado, imitando Nelson Rodrigues), fumando, eu ficava olhando. Uma hora ele olhou pra mim e falou: "Quem é você?" Eu disse: "Sou um

> EU OLHO PELA JANELA E PASSO ISSO PRO COMPUTADOR. TÁ TUDO AÍ, É SÓ OLHAR E ESCUTAR.

jornalista daqui". Aí criei coragem e perguntei: "Eu queria saber como o senhor consegue escrever todo dia uma história que prende a gente e que parece que se passou com uma tia, uma vizinha?"; (faz novo grunhido e continua) "É só olhar pela janela, meu filho". Então é isso: é só olhar pela janela que a vida tá aí. Eu leio tudo, recorto, coleciono e vou construindo. A coisa que mais me impressionou, aos 10 anos de idade, foi quando ganhei de uma tia o livro *Alice no País das Maravilhas*. Me assustei quando ela cai no buraco e entra naquele outro mundo. Nossa! A vida inteira eu tive o sonho de cair numa toca de coelho da Alice. E caí: o Brasil era a toca de coelho. Tá tudo ao contrário.

KÁSSIO Como o senhor, que reescreveu o livro *Manifesto Verde*, avalia a flexibilização do Código Florestal Brasileiro (alterações na legislação ambiental que, como consequência, permitem aumentar o desmatamento)?

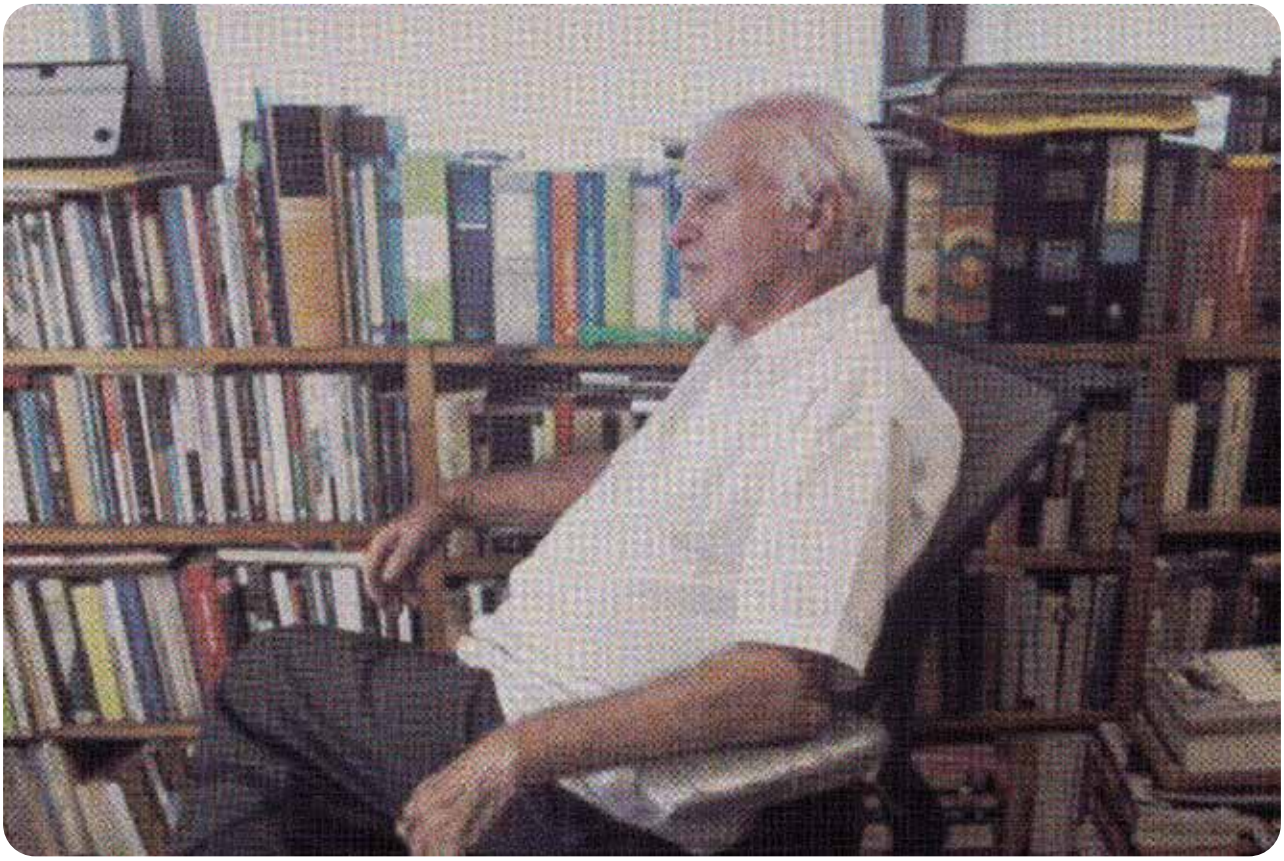
ILB O mal que esse governo faz é inominável. Eles nos atrasaram 'anos e anos' (repete a expressão três vezes). Aquela frase nojenta, naquela reunião nojenta: 'vamos fazer a boiada passar'. Só isso já dava punição. Eu escrevi dois livros falando de meio ambiente: *Não Verás País Nenhum* e *Manifesto Verde*. Comecei *Manifesto* como uma carta aos meus filhos Daniel e André. Eles eram crianças, faziam um trabalho de escola e falaram: "Pai, me explica o que é ecologia, meio ambiente?" Eu tava indo pro aeroporto e disse: "Mando uma carta pra vocês". Eu sou muito carteiro. Fui para o Mato Grosso e de lá escrevi, à máquina, uma longa carta, e pus no correio. Não tinha notebook e e-mail naquele tempo. Eu tinha um material grande do *Não Verás País Nenhum* sobre poluição, devastação, camada de ozônio etc. Meu filho mostrou a cartinha à professora, ela leu em classe e tirou cópias pros alunos da escola. Depois um editor do Círculo do Livro me procurou querendo um brinde para oferecer aos assinantes. Eu reescrevi o *Manifesto Verde* e fizeram uma edição de cem mil exemplares gratuitos. Mais tarde a Editora Global foi refazendo em muitas outras edições. Então têm livros que vão acontecendo e tomam vida própria.

WELLINGTON O caminho do escritor por vezes é tortuoso. Tem a história de que o primeiro livro que você escreveu e submeteu à apreciação do crítico literário Antonio Candido foi reprovado e que ele lhe recomendou que enterrasse o livro no quintal. De que modo essa sinceridade ajuda no surgimento de um escritor?

ILB Esse romance se chamava *Cravo Sobre Gin Seco* e se passava em um bar, em São Paulo, o dono sempre andando com um copo de gin na mão e um cravo dentro, e ele mostrava a noite paulistana aos 11 personagens da história. Eu consegui chegar no Antonio Candido via Araraquara e por um amigo, Renato Correia Rocha, porque a irmã dele, Gilda, era casada com Antonio Candido. Ele sempre foi muito educado, leu e me disse: "A ideia é curiosa, mas você fez onze personagens iguais! Eles falam igual, têm o mesmo problema, os mesmos sentimentos. O leitor, quando vê um personagem, já deve saber quem está falando. Os teus, não. Tu tem que dizer o nome ou ninguém sabe. Faz assim: junta tudo num personagem só. Não! Melhor: isso não vai funcionar porque teu livro é uma porcaria. Enterra ele no quintal pra ninguém ler". Ele me deu uma grande lição. Depois disso escrevi mais três ou quatro livros e enterrei todos no quintal de Araraquara. Pensava: se um dia for alguma coisa na vida e alguém achar essas merdas e publicar, eu tô fodido (risos).

WELLINGTON Já *Zero* se tornou um livro celebrado pela crítica, que o considera um marco na luta contra a ditadura militar. Passados 47 anos da publicação, o que representa esse texto pra você e pra atual democracia brasileira?

ILB Quem deve responder essa pergunta são os críticos e teóricos. Pra mim, esse livro foi uma necessidade absoluta e eu levei 10 anos escrevendo. Comecei em 1964 e terminei em 1973. Ele é um retrato de um momento que a gente não sabe como sobreviveu. E foi uma virada total na minha vida porque, quando



consegui publicar na Itália, três editoras brasileiras tinham recusado o livro – ninguém era louco de publicar aquilo (*Zero* foi publicado na Itália em 1974 e, no Brasil, em 1975. Logo depois foi proibido de circular até 1979). Jorge Andrade, meu amigo e dramaturgo, foi pra Roma e levou o livro com ele pra ler no avião. Chegando lá encontrou com Luciana Stegagno (crítica literária, especialista em literatura de língua portuguesa) e ela perguntou: "Não está acontecendo nada no Brasil em literatura?". Ele falou "Leia esse livro", e deixou minha única cópia com ela. Luciana ficou encantada e negociou a publicação. *Zero* já tava pronto pra rodar quando ela me disse que a embaixada do Brasil na Itália estava de olho em qualquer publicação que 'prejudicasse' a imagem do país no exterior, e autor e editor poderiam ser presos. Eu não sabia o que fazer, não queria ser preso, tinha filho... Aí a Bia, então minha esposa, disse: "Você levou 10 anos nisso, era tudo que você acreditava, então era tudo uma mentira? Se for, joga esse livro no lixo e vá vender banana". Ela tinha razão. Eu falei: publiquem! O livro me lançou nacional e internacionalmente e, se eu não o tivesse publicado, juro, nem estaria vivo.

WELLINGTON Na ABL você ocupa a cadeira número 11, que já teve

> "ESCREVI MAIS TRÊS OU QUATRO LIVROS E ENTERREI TODOS NO QUINTAL. PENSAVA: SE UM DIA FOR ALGUMA COISA NA VIDA E ALGUÉM ACHAR ESSAS MERDAS E PUBLICAR, TÔ FODIDO.

> ESSE LIVRO (*ZERO*) FOI UMA NECESSIDADE ABSOLUTA E EU LEVEI 10 ANOS ESCREVENDO. ELE É UM RETRATO DE UM MOMENTO QUE A GENTE NÃO SABE COMO SOBREVIVEU.

Hélio Jaguaribe, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, entre outros. Qual a sensação de ter sido eleito por unanimidade (31 votos e 11 candidatos)?

ILB Eu nunca nem pensei em ir pra Academia, aí um dia me ligou Celso Lafer (membro da ABL e ex-ministro das Relações Exteriores no governo FHC) e disse: "Tô indo pra sessão da saudade de Hélio Jaguaribe e levando a sua carta de candidatura". Eu disse: "Mas eu não fiz carta nenhuma". E ele: "Eu fiz e assinei". Eu soube que (Rubens) Ricupero e Fernanda Montenegro seriam candidatos e eu não teria nenhuma chance. Mas eles não foram e eu fui, mas nunca esperava unanimidade. No dia da eleição você fica num local esperando o resultado. Eu ia para um coquetel organizado pela editora, só que ainda estava no hotel e o Marco Lucchesi (presidente da ABL) me ligou: "Ignácio, uma vitória acachapante". Eu recebi a notícia vestindo as calças. Pegamos um táxi e pelo caminho fomos parados por manifestações contra o assassinato de Marielle (Franco). Quando cheguei, os acadêmicos todos me abraçaram. Eu adorei, foi uma alegria tão grande! No dia seguinte, *O Globo* deu uma nota curiosa: "Eleição na academia: enfim, um escritor". Eu li outros discursos da Academia e eram tão solenes: "Neste templo do saber, onde a vetusta cultura brasileira...". Ah, eu comecei simplesmente assim: "Tweet um: A terra é plana"; e enchi o discurso de tweets. Primeiro porque gosto de escrever de modo fragmentado, depois porque queria chamar a atenção pra algumas coisas que estão acontecendo e, por fim, as redes sociais são a coisa que mais abalam a gente hoje, que nos aguilhoam – esse termo aguilhoar é bom (risos). Mas eu fiz um discurso que gostei. Falei de censura. Só que assisti três sessões e logo a Academia fechou e sem ela eu não recebo jeton.

KÁSSIO Conhecemos o Ignácio de Loyola Brandão como escritor multifacetado, autor de crônicas, romances, livros infanto-juvenis, relatos autobiográficos e biográficos. Sobre este último estilo, como foi pra você colocar em livro a história da ex-primeira dama do país, a antropóloga Ruth Cardoso?

ILB Vocês sabem que os araraquarenses são muito arrogantes, se acham – eu sou um, eu sei! Pra nós, Araraquara vai de Nanterre, na França, até Kiev, na Rússia, porque ela é um estado de espírito. Eu fiz uma entrevista com Ruth Cardoso quando ela assumiu o poder, junto com Fernando Henrique Cardoso (presidente). Eu trabalhava na Vogue e a revista fazia o perfil de toda primeira dama. A Ruth não queria ser entrevistada, ela nunca gostou da imprensa – não que fosse mal-educada, mas era *low profile*. A revista insistiu e ela falou: "Tá bom, manda o Ignácio". Porque a gente era de Araraquara, eu conhecia a família dela, as tias beatas, fui amigo próximo do Renato Correia Rocha – aquele que me ajudou a entregar o livro a Antonio Candido – e que foi o primeiro namorado da Ruth, um homão bonito! Ela falou: "Dia tal, das 14 às 16 horas". Fui pontualíssimo e ela – na casa dela – chegou 15 minutos atrasada. Começamos a conversar e eu conhecia tudo: o pai dela trabalhou como contador no jornal em que trabalhei; a mãe, Mariquita, me deu aula de Ciências Naturais, que hoje seria biologia. O pai da Márcia, minha mulher, é de Araraquara, e foi um dos jovens que se apaixonaram por Ruth, que era linda! E a conversa foi nos envolvendo e quando percebemos já passava das sete da noite e ela fez café pra gente. Ruth saiu de Araraquara em 1945 e voltou poucas vezes. Quando o perfil saiu na *Vogue*, ela me mandou um bilhete: "Eu tinha perdido a minha cidade e a reencontrei através de você. Obrigada". Tivemos uma espécie de amizade mais consolidada. Então, quando ela morreu, a editora *Globo* me perguntou se eu faria a biografia. E foi uma delícia fazer, conversei com todas as pessoas que a cercavam. Ela foi a única primeira dama do

Brasil que deu ao cargo um sentido. Na minha bibliografia não coloco os livros institucionais que faço, mas esse eu coloco.

ANDRÉ Alguns escritores torcem o nariz pra ideia de livros produzidos sob encomenda. Você publicou vários desses livros institucionais. O que lhe motiva a produzi-los?

ILB Só faço se tiver prazer. Se não gostar, nem aceito a encomenda. Vocês não sabem o número de pedidos que recuso, de grandes empresários, com propostas até de que eu escrevesse e eles assinassem. Não me interessa. Fiz 50 livros institucionais - todos porque o tema foi interessante. E me dedico como se me dedicasse aos que escolhi livremente escrever. Primeiro, porque sou eu quem vai ser avaliado ali. E só faço quando não tenho nenhum projeto. Por fim, cobro bem. E faço direito. Há histórias interessantíssimas. A do Carlos Wizard, fundador das escolas de idiomas, que as vendeu por 4 bilhões de reais e tem escola até na China. Por que fiz? Porque a história é incrível: ele era filho de um caminhoneiro do interior do Paraná e ajudava o pai. Um dia encontrou uns mórmons, que lhe ensinaram a falar inglês. Depois arranjaram uma bolsa de estudos e ele foi pros Estados Unidos. Mais tarde vira bilionário. É uma grande história de vida, de um cara que agarra uma oportunidade! Tem a história do homem que criou o Leite de Rosas. Um cearense que fugiu da seca, foi pro Rio de Janeiro e não deu certo; foi pro Espírito Santo e não deu certo; acabou no Amazonas, como seringueiro. Ficou milionário, veio o *crack* da borracha e ele perdeu tudo. Foi pra Bahia, comprou fazenda, a mulher teve uma doença grave e ele a levou para o Rio. Tava com uma mão na frente, outra atrás, a mulher doente e começou a vender, de porta em porta, um produto inventado por ele para limpar a face, feito à base de álcool, cânfora e rosas, produzido na pensão onde estava hospedado. Ele envasava, fazia rótulos, vendia. Fez isso aos 59 anos, em 1929! O Leite de Rosas cresceu tanto que teve como garota propaganda a Carmen Miranda. Ele contratava todos os artistas da Rádio Nacional, patrocinava concursos de misses, inventava o marketing dele. Criou um desfile na fábrica: as mulheres andando de salto alto numa esteira delicada da linha de produção! Como não vou atrás de um personagem desses?! É quase ficção! Têm coisas maravilhosas sobre o que se escrever neste país. Me chama que eu vou - desde que me pague e que seja interessante.

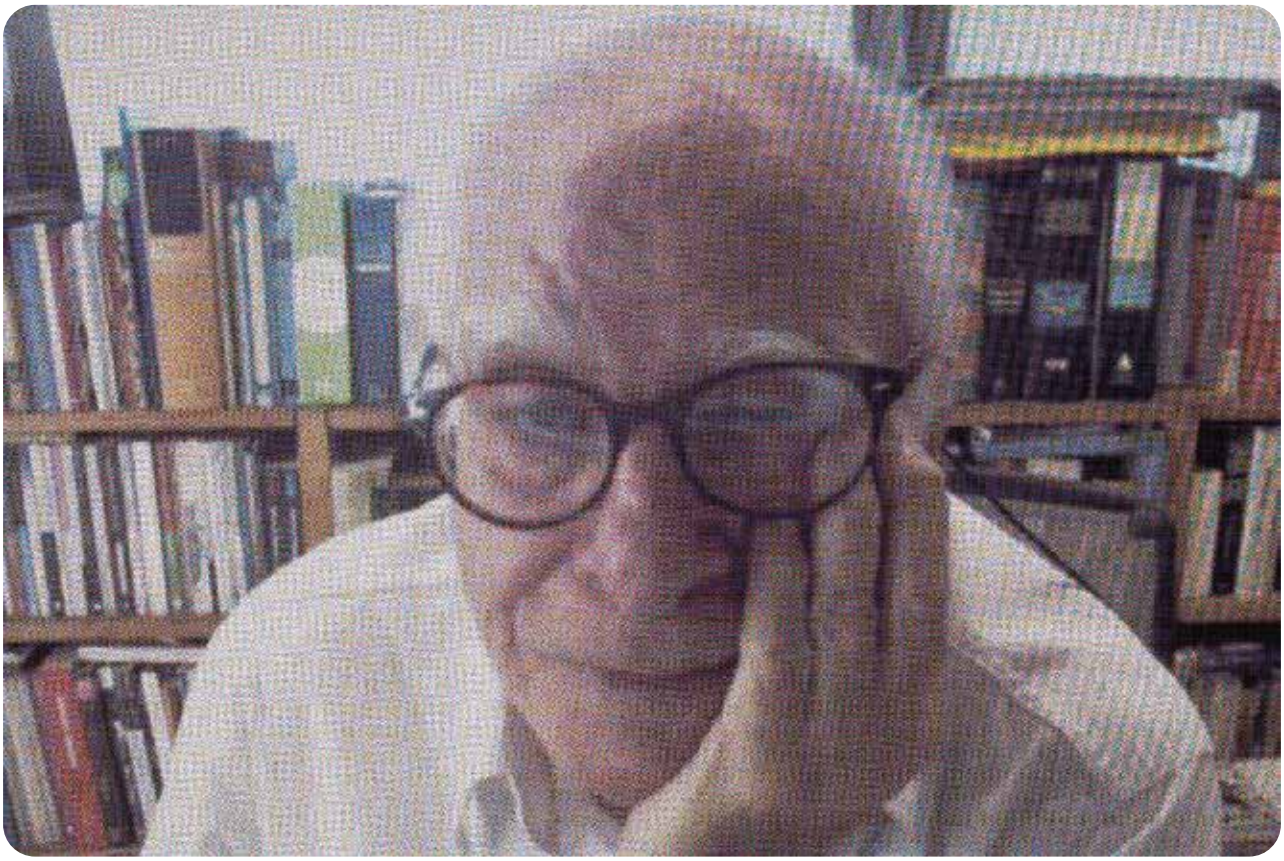
SAMÁRIA Na literatura, você é vencedor de prêmios como o Jabuti. Qual a importância desses prêmios na sua carreira? E você leu o último premiado no Jabuti – *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior?

ILB Não li e tô esperando baixar um pouco a onda. Estive com Itamar em Portugal, há dois anos, num evento com cem escritores de língua espanhola e portuguesa, e ele já tava começando a fazer sucesso. Eu acho ótimo que apareçam pessoas que explodem, é gostoso ter um livro em voga e, sendo um livro brasileiro, eu adoro. Mas deixo um pouco de lado até a onda passar. Mas estou curioso pra ler. Os prêmios são importantes porque te dão um espaço na mídia. Às vezes o livro poderia ficar meio esquecido e ganha um destaque. E é gostoso ter um jabutizinho na estante, né? Eu tenho seis - um curralzinho. É um prêmio de prestígio e eleva a autoestima.

WELLINGTON Você já disse que, de todos os prêmios que ganhou, o que mais lhe emocionou foi o Machado de Assis, em 2016, concedido pela ABL pelo conjunto de sua obra. O que esse prêmio significou para você?

ILB Acho que foi, inclusive, um trampolim para minha eleição na ABL. Também foi muito bom em dinheiro: 300 mil reais. Mas o importante é que o conjunto da obra é reconhecido por um conjunto de pessoas da literatura - e não apenas os acadêmicos, pois eles consultam outras pessoas. Duas de minhas antigas professoras, ainda vivas, ambas com mais

> “NÃO LI E TÔ ESPERANDO BAIXAR UM POUCO A ONDA (*TORTO ARADO*). É GOSTOSO TER UM JABUTIZINHO NA ESTANTE, NÉ? EU TENHO SEIS.



de 90 anos, tomaram conhecimento da premiação. Eu mantenho contato com ex-professoras de Araraquara. Uma delas, Ruth Segnini, me mandou um bilhete que dizia: "Ignácio, a vida inteira eu tinha uma dúvida: será que estava certa quando escolhi formar pessoas? Agora, que você vai receber esse prêmio, tenho certeza de que valeu a pena". E comecei meu discurso nessa premiação lendo esse bilhete. Os acadêmicos aplaudiram e gravei e mandei pra ela os aplausos: "São pra você!" Eu devo minha carreira a professores.

ANDRÉ Recentemente você recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela Universidade Estadual Paulista – Unesp (pedido pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara). Qual o significado desse título para um escritor já tão bem-sucedido?

ILB Eu, que nunca fiz uma faculdade, que terminei o científico (ensino médio) a duras penas – eram três anos e eu terminei em cinco! – sou agora *Doutor Honoris Causa*. Isso me emociona muito! Uma pena meu pai não estar aqui para ver. Tive uma professora de desenho que dizia: "Você não sabe desenhar, não vai ser nada na vida." Gostaria que ela estivesse aqui também. Não pra brigar com ela - já disse: sou grato aos professores. Mas pra gente ver como a vida pode ser surpreendente, por isso é tão interessante de ser vivida.

ANDRÉ Além da literatura, outra paixão sua é o cinema. Hoje existe uma diversidade de possibilidades de assistir filmes: no celular, computador, via plataformas de assinatura. Com isso, a sua relação com o cinema foi alterada? E na produção literária, como você enxerga as possibilidades tecnológicas de se ler livros?

ILB Acho incrível que se possa ver filme num celular, mas me empata a emoção. Pra mim, o filme é na tela grande e sem celular ou pipoca do lado. Porque cinema exige concentração, é um ato religioso, uma cerimônia. Eu sei que sou anacrônico, mas vou insistir porque respeito muito o cinema. É bom que mais pessoas possam ser alcançadas pelo cinema que não apenas aquelas que vão às salas, mas será que o efeito é o mesmo? Quanto aos livros, que leiam em *palmtops*, *kindles* – desde que leiam. Um dia li, numa revista francesa, uma carta de uma mulher de 87 anos que dizia: "Li a minha vida inteira e um dia minha vista acabou. Mas ganhei um *kindle* e meu neto me ensinou a aumentar o

“

EU, QUE NUNCA FIZ UMA FACULDADE, QUE TERMINEI O CIENTÍFICO (ENSINO MÉDIO) A DURAS PENAS, SOU AGORA DOUTOR HONORIS CAUSA. ISSO ME EMOCIONA MUITO!

tamanho da letra e voltei a ler”. Isso é ótimo. Então vamos ver filmes e ler livros de todas as formas possíveis! Eu prego umas coisas, mas nem sempre cumpro. E vejo e revejo filmes de várias formas. *8 1/2*(Federico Fellini) já vi 148 vezes e com o mesmo prazer.

SAMÁRIA Essa quantidade é brincadeira, né?

ILB É verdade! A primeira vez que vi *8 1/2* foi em 1963, tinha 27 anos, acabava de chegar em Roma pra morar, não falava italiano, não sabia nada, fui pra viver uma aventura. Tava andando na rua, conhecendo a cidade e entrei num cineminha muito pequeno, perto da Fontana di Trevi, com o filme já pela metade. Eu não entendi nada, e não só pela língua, mas pela linguagem, toda fragmentada, sem linearidade, com diferentes planos: da realidade, da imaginação, da realidade idealizada, da memória. Eu usei muito disso no *Zero*. Fiquei fascinado. Acabou a sessão e fiquei pra seguinte e voltei no outro dia e até hoje assisto. Me apaixonei pelo filme, sei até as falas!

ANDRÉ E o que você acompanha de Cinema Brasileiro?

ILB Gosto do trabalho de Petra Costa, Kleber Mendonça Filho, Anna Muylaert. Meu primeiro sonho era ser diretor de cinema ou roteirista, mas reciclei o sonho escrevendo sobre cinema. Quando era mais jovem, fazer cinema era muito caro e tinha que procurar dinheiro, contrair dívida, e eu tinha pavor disso porque passei a vida ouvindo minha mãe com medo de não conseguir pagar o empréstimo da Caixa Econômica e a gente ser despejado de casa. Então dívida é uma coisa que doía na minha cabeça. Mas aí já é conversa pra psicanálise e não pra entrevista, né? Mas se mais gente tiver esse mesmo problema, aproveite pra falar agora (risos).

SAMÁRIA Você também tem uma longa história com o jornalismo. O que essa relação com o jornalismo lhe deixou de legado?

ILB Gostei muito de ser jornalista, acho que acertei indo pro jornalismo. Claro que entrei meio enviesado, porque gostava mesmo era de cinema. Lia os grandes críticos de São Paulo e Rio por meio dos jornais que, nos anos 50, chegavam em Araraquara. Eu recortava e tinha um caderninho onde anotava. Um dia soube que crítico de cinema não pagava entrada e tinha dois cinemas em Araraquara. Perguntei pro bilheteiro: “Crítico paga?”. E ele: “Não, mas nunca vi um crítico nessa cidade”. Então fui no jornal, o editor tinha uma credencial, mas não usava porque a mulher dele achava que cinema era pecado. Ele me emprestou, fiz uma crítica meio que plagiando Paulo Emílio Sales Gomes, o editor publicou e ganhei a credencial permanente. Tinha 16 anos. Depois o jornal maior me chamou e aprendi a fazer entrevistas, reportagens. Quando decidi ir pra São Paulo fui direto em jornal pedir emprego. E descobri um outro mundo! Eu era o caipirão e ali era São Paulo, com 300 salas de cinema, teatro, tudo! Como eu já falava razoavelmente inglês, era mandado pra entrevistas com astros e estrelas. Entrevistei Marlene Dietrich, Kim Novak, Nat King Cole, Sammy Davis Jr. O jornalismo me deu a capacidade de sintetizar, escrever o essencial, e a possibilidade de observar pessoas, acontecimentos, greves, revoltas. Não fui um grande jornalista, não era investigativo, mas descobri a literatura através do jornalismo, então devo ao jornalismo a literatura.

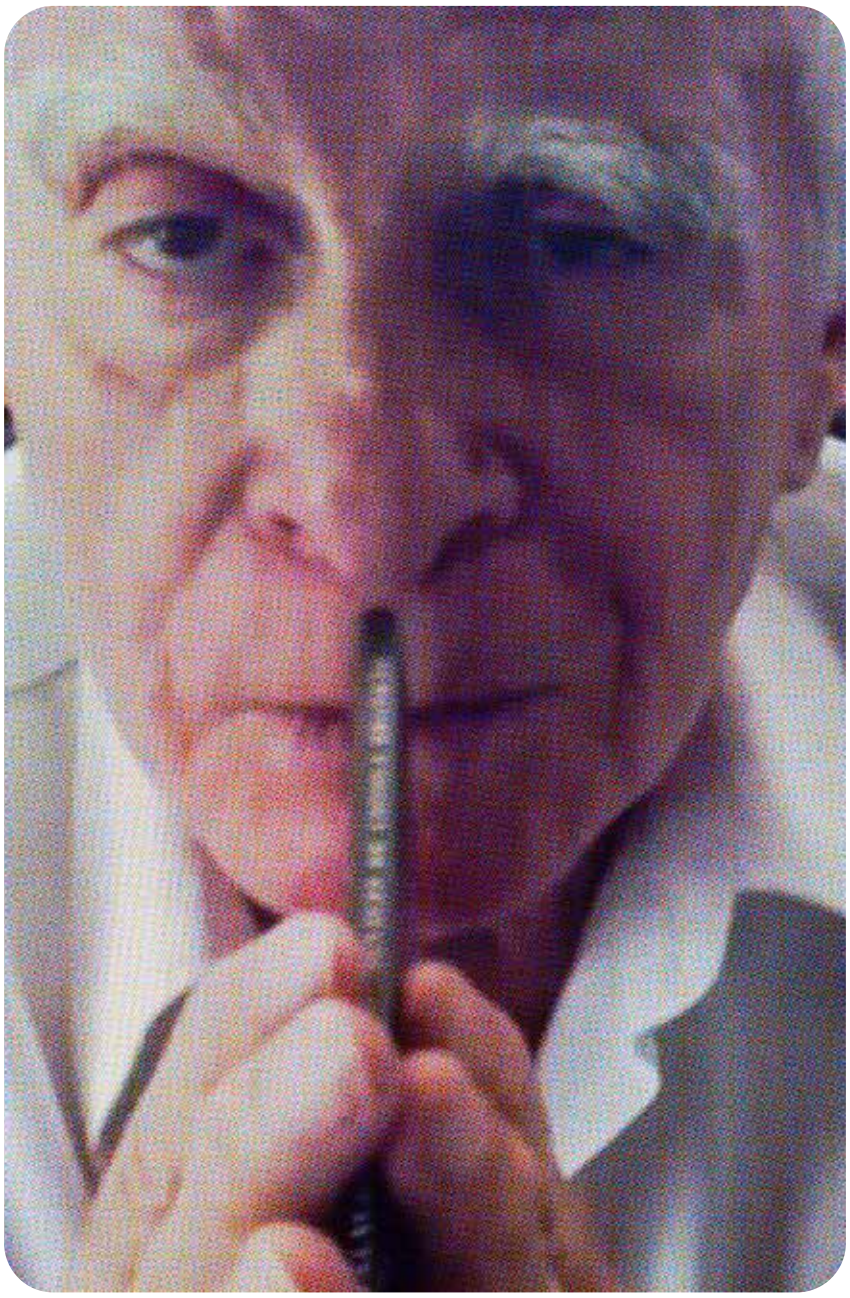
KÁSSIO Thomas More nos apresentou, no século XVI, o conceito de utopia. Você acredita que a literatura, sobretudo a ficção, é uma forma de se manter a utopia ou, no momento atual, a humanidade está mais próxima daquilo que se define como distopia?

ILB Acho que aceitamos hoje a distopia com mais facilidade. Mas a utopia continua e a literatura ainda é a grande fotografia de cada um de nós,

de nosso país, de como vivemos, dos sonhos que temos. A gente vive uma distopia, porque não dá pra acreditar que isso que vivemos é a realidade, né? E o pior: a gente tá vivendo e aceitando, não tá combatendo, tá inerte, anestesiado.

SAMÁRIA Na metade dos anos 1990 você descobriu um aneurisma e teve que se submeter a uma cirurgia delicada. Depois disso, falou: "Agora eu quero é perder tempo". Como esse acontecimento implicou em mudança de comportamento? E, a partir disso, o que você conclui que é de fato importante na vida?

ILB Descobri o aneurisma por acaso, porque não tinha sintoma, é o chamado assassino silencioso. Mas tive pequenas tonturas e, fazendo exames, o médico disse: "Tem uma granada na sua cabeça. Sugiro operação. É perigosa, você pode morrer". Tinha que abrir a cabeça e eu disse: "Não vou fazer". O médico falou pra Márcia: "Daqui a três dias ele volta". E voltei. Porque só pensava em que momento aquilo ia estourar na minha cabeça: na rua, andando, no banheiro. Fiz a cirurgia. Trezes horas! Quando voltei, perguntei: "Tô vivo?" E sou um cronista, quando saí do hospital resolvi fazer um depoimento, tinha que falar sobre aquilo. Fiz o livro *Veia Bailarina* (1997). Comecei meio lamento, autopiedade, sabe? E disse: "Não é isso, porra! Eu tô vivo!" Passei a sentir a vida toda diferente: as cores, o paladar, a ansiedade acabou. Eu era tão ansioso que entrava no prédio já com a chave na mão pra abrir a porta do apartamento. Vinha na rua e acelerava pra passar no sinal verde - coisa de paulistano. E falei: pra que isso? Tô correndo atrás de quê? Eu vendia minhas férias, trabalhava domingo, feriado. Depois disso, quis foi perder tempo. Isso mudou minha vida, minha relação com Márcia, com meus filhos, passei a prestar mais atenção. Não quero fazer dinheiro, quero fazer as coisas que gosto. E o livro tem humor, os médicos indicam para pacientes que vão fazer cirurgia invasiva. Então eu, que odeio, acabei fazendo um livro de autoajuda. Posso morrer daqui a um minuto, mas agora sinto que tô vivo!



Já passava de duas horas de conversa via Zoom, era por volta das 20 horas, a chuva continuava e Ignácio anuncia: "Com isso encerramos esse nosso bate-papo, né?".

SAMÁRIA Ficou chato?

ILB Não, eu tô com fome (risos). Quando não gosto de uma conversa, nem fico. Não ter morrido me deu esse direito.

TRECHO DO DISCURSO DE POSSE DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS EM 18 DE OUTUBRO DE 2019

Twiter 1: *A terra é plana*

Baixado da Nuvem Digital.

Com oito anos, eu esperava a cada mês a chegada da revista *Em Guarda*, distribuída pelo departamento de propaganda dos Estados Unidos. Ela trazia fotos de gordos bombardeiros, caças, porta-aviões e tanques assustadores. Excitavam a imaginação. Aquelas fotos, compartilhadas, nos levavam a subir em árvores ou a nos enfiarmos em caixotes, empenhados em "batalhas terríveis" nos terrenos baldios. Gritávamos o que ouvíamos no rádio: *As Américas Unidas, Unidas Vencerão*. Vencerão a quem? Contra o que lutávamos? Não compreendíamos.

Odiávamos a tal guerra, quando estávamos jogando futebol, e os fiscais nos confiscavam as bolas de borracha, dizendo: "É pelo esforço de guerra." Que era aquilo? À noite, apagavam as luzes da cidade e diziam que era para nos defender dos aviões inimigos. Quem viria jogar bombas em Araraquara, bucólica cidade do interior paulista conhecida pela intensa arborização? As professoras Lourdes Prada e Ruth Segnini, que me ensinaram a ler e escrever, explicavam que muitas coisas não são compreendidas na mesma hora. Ficam paralisadas, no ar. "Pode ser que vocês atravessem a vida sem compreender. Mas procurem, corram atrás," completava. "A vida é a busca do entendimento".

A professora Lourdes morreu no ano passado, mas Ruth Segnini, no alto de seus 90 anos, está viva em Araraquara, só não veio a esta posse por problemas físicos. Aqui estão seu irmão, Francisco, e sua cunhada Liliana. E também Guilherme, seu neto, filho de Lena, sua nora. Também aqui está Silvio Prada, filho de Lourdes. A vida une sempre pontos que parecem aleatórios.

Ilmo. Senhor Marco Lucchesi, Presidente da Academia Brasileira de Letras,

Acadêmicos e Acadêmicas,

Minhas Senhoras e Meus Senhores, Araraquarenses

Para mim este momento é imensurável. Imensurável era a palavra que meu pai Antônio Maria Brandão, o Totó, usava para designar instantes significativos. Ele foi um funcionário modesto que, entretanto, fez bela carreira na Estrada de Ferro Araraquara, chegando ao mais alto posto na Contadoria, o Escritório Geral que regia tudo. Homem que lia muito, gostava de palavras, tinha vários dicionários e me ensinou a usá-los. Seus memorandos, afixados em todas as estações, eram lidos com prazer, ele escrevia curto, com humor. E me aconselhava: "Aprenda palavras, e sua vida será mais fácil." Jamais esqueço as noites em que minha mãe despejava o feijão na mesa e começava a escolher, separando os carunchados, as pedrinhas, os gravetos minúsculos, as folhinhas. Meu pai me chamava atenção: "Veja como ela escolhe os mais perfeitos, saudáveis, bonitos. Lembre-se disso, ao escrever busque as melhores palavras." As palavras me pareciam misteriosas, e era uma aventura decifrá-las.

OPINIÃO

POR VIVIANE BROCHARDT
E FLÁVIA LONDRES

O VENENO (AINDA ESTÁ) NO PRATO

Quais as opções para uma alimentação sem agrotóxicos?

Em 2020 o Brasil bateu, pelo quinto ano consecutivo, o recorde de liberação de agrotóxicos, com 493 substâncias registradas. De 2000 a 2020, foram 4.051 venenos de uso agrícola liberados no país, de acordo com o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento[1]. O Brasil também é considerado campeão mundial no uso de agrotóxicos e isso se reflete nos alimentos que levamos para casa.

A mais recente edição do Programa Nacional de Análise de Resíduos de Agrotóxicos em Alimentos (PARA) – pesquisa nacional feita em vegetais comercializados no varejo nas capitais brasileiras –, divulgada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), apresentou dados de 2017-2018. De acordo com esse estudo, em 51% dos alimentos analisados havia resíduos de agrotóxicos e, desses, 23% estavam em situação de irregularidade, quando é identificada substância proibida no Brasil (caso de agrotóxicos contrabandeados), substância encontrada em alimento no qual não está autorizada a sua aplicação ou limite de resíduos acima do permitido. Também foi identificado que em 2,9% dos casos de irregularidades havia mais de uma inconformidade.

Desde 2019, nenhum resultado do Programa foi apresentado. Isso significa uma perda importante de dados sobre a produção agrícola no País e deixa os consumidores sem informações sobre o que ingerem a cada garfada. É importante saber que o consumo de alimentos com agrotóxicos pode levar à intoxicação crônica, resultado da ingestão dessas substâncias químicas por períodos prolongados. Os efeitos crônicos aparecem após meses ou anos de exposição a um ou a vários produtos tóxicos. Os sintomas são diversos como depressão, fraqueza muscular, insônia, alterações hormonais, infertilidade, malformações congênitas, aborto, câncer etc.

Alternativas alimentares existem e estão, praticamente, em todas as cidades brasileiras: comida de verdade, produzida sem agrotóxico, sem fertilizantes químicos, comercializada em feiras e lojas de produtos orgânicos ou agroecológicos. E, ao contrário do que se pensa, esses produtos nem sempre são mais caros do que seus similares convencionais.

Nas feiras da agricultura familiar, onde a comercialização é direta, sem atravessadores, pode-se encontrar alimentos frescos, produzidos localmente, e comumente com preços muito próximos aos comercializados nas feiras convencionais – às vezes até mais baratos. Um estudo realizado pelo Centro Sabiá mostrou que os produtos encontrados nas feiras agroecológicas do Recife em 2016 eram, em média, 19% mais baratos do que os convencionais ofertados nos mercados populares e 56% mais baratos que nos supermercados[2].

O Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec) elaborou o Mapa das Feiras Orgânicas, que apresenta a localização e informações sobre mais de 490 pontos de comercialização de produtos orgânicos em todas as capitais brasileiras e muitas cidades do interior. O sistema *online* Agroecologia em Rede também identifica centenas de experiências em agroecologia, incluindo pontos de comercialização.

Comer é também um ato político. Ao escolhermos alimentos agroecológicos cuidamos da nossa saúde, mas também ajudamos o desenvolvimento de sistemas de produção que promovam a saúde coletiva, a autonomia de agricultoras/es familiares e populações tradicionais, a conservação dos recursos naturais e a justiça social.

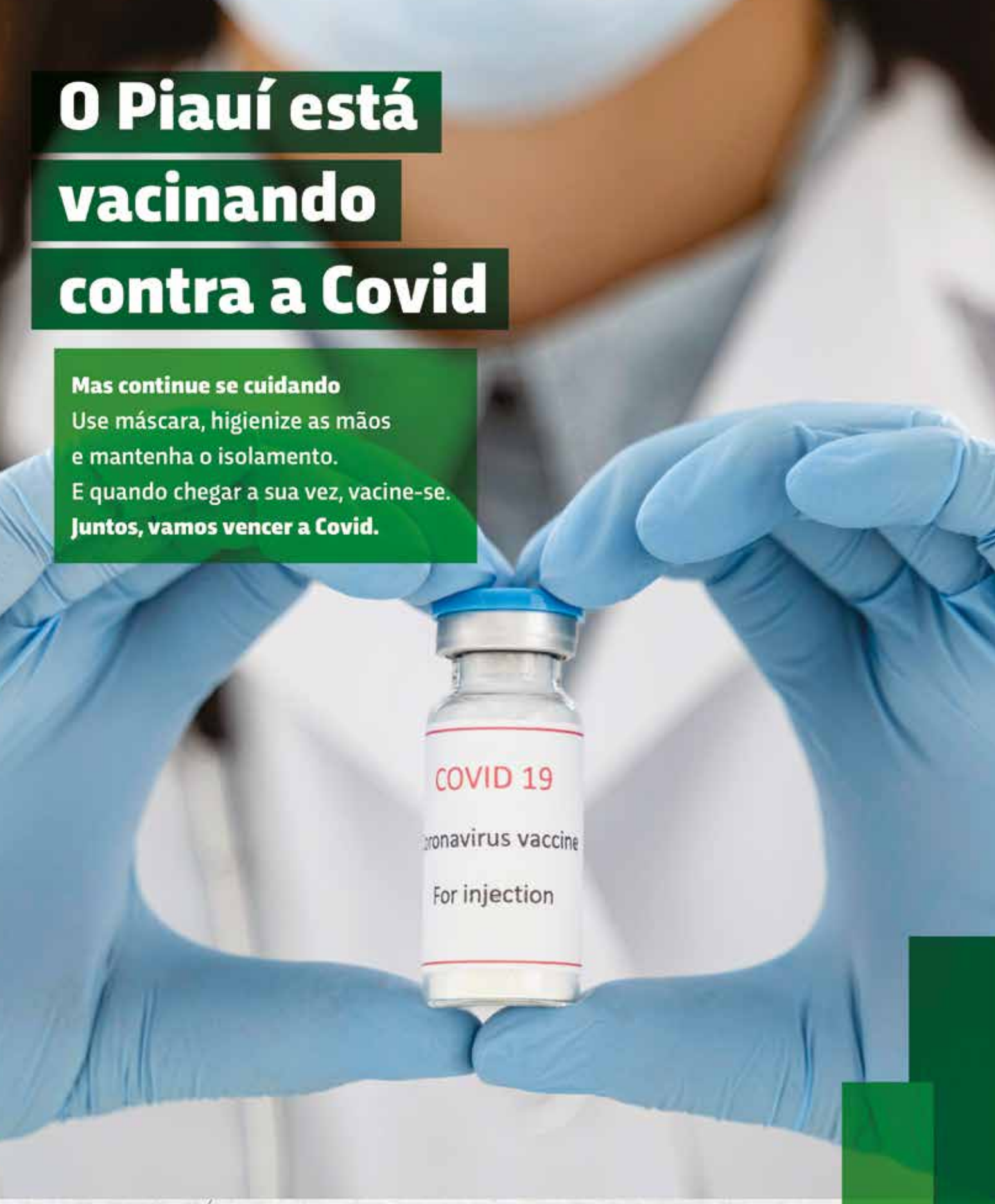
---

1 https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/insumos-agropecuarios/insumos-agricolas/agrotoxicos/informacoes-tecnicas

2 Artigo: A importância das feiras agroecológicas para as cidades (Por Davi Fantuzzi), disponível em: https://www.centrosabia.org.br/noticia/artigo-a-importancia-das-feiras-agroecologicas-para-as-cidades - Acesso em 25/02/2021.

O Piauí está vacinando contra a Covid

Mas continue se cuidando
Use máscara, higienize as mãos
e mantenha o isolamento.
E quando chegar a sua vez, vacine-se.
Juntos, vamos vencer a Covid.



PIAUÍ GOVERNO DO DESENVOLVIMENTO
PROPIAUÍ SAÚDE
Piauí GOVERNO DO ESTADO

ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA

ENTRE A SUBLIMIDADE E A CONCRETUDE DA LINGUAGEM EM *HÁLITO DAS PEDRAS*, DE ANTONIO CARLOS SECCHIN

A poesia de Antonio Carlos Secchin, professor emérito da UFRJ e membro da Academia Brasileira de Letras, aponta para uma cabeça bifronte, que reúne, num mesmo imaginário linguístico, a dupla chama do real, revelando-lhe a sublimidade e, ao mesmo tempo, a concretude do que é presente em nossa realidade mais cotidiana. Consegue misturar, em poemas de forma fixa, a solenidade formal com a temática irônica e humorística, em textos poéticos que se adensam no chão da experiência trivial e, por outro lado, ultrapassam as margens do real, a partir da simbologia das belas metáforas em sua diafaneidade. Este livro *Hálito das pedras* (Penalux, 2019), cujo curador da edição é o potente Diego Mendes Sousa, apresenta uma coletânea dos poemas de Secchin ao longo de toda a sua trajetória literária.

O livro se divide em quatro partes. "Pedras fundamentais", a primeira, reúne a poesia essencial do escritor carioca. Na segunda parte, "Pedras de fogo", temos a força maior da metalinguagem e a intertextualidade de Secchin. "Pedras polidas", terceira parte da coletânea, reúne o seu exímio trabalho de sonetista. Finalmente, em "Pura pedraria", a simbiose entre natureza e linguagem. O título é retirado de um verso do primeiro poema do livro. Foi escolhido, belamente, pelo prefaciador e curador desta publicação. Uma escolha perfeita, um resumo da tessitura da obra de Secchin, ao associar "hálito", que, figuradamente, significa brisa, sopro e aragem, metáfora do elemento aéreo e sublime da poesia, à "pedra", que revela, ao mesmo tempo, a matéria e o espírito da letra. A poesia de Secchin reúne o sublime e o carnal num mesmo hálito, dimensionando a força ambígua do literário. No poema que abre o livro, temos: "Operário do precário,/ me limito nesse corpo amanhecido,/asa e gozo onde a morte mora". Secchin hibridiza polaridades, mesclando o sopro da sublimidade ao elemento concreto da poesia, em seu viés cotidiano.

Outra característica contundente em sua obra é o processo de autoironia. O poeta reflete, com riso e extrospecção, sobre seu próprio fazer poético, sendo que a realidade acontece ao mesmo tempo em que se dá a leitura do poema, no seu agora, no seu já e instante: "Não posso dar-me em espetáculo/A plateia toda fugiria/antes mesmo do segundo ato".

Em "Pedras de fogo", se descortina o paradoxo da

> NÃO TEMOS EM ANTONIO CARLOS SECCHIN O EXCESSO DO VOO DE ÍCARO. NÃO TEMOS A SOBERBA DALINGUAGEM. O POETA IMPÕE OS LIMITES DO VOO NA SUA POESIA PARA QUE HAJA UMA ORDEM EM MEIO AO SÍMBOLO.

luz e da sombra, como na epígrafe do próprio Secchin, o fogo é o lado obscuro da chama e se revela, assim, uma "filopoesia", uma análise crítica, um pensar poético, que é fogo prometeico que trouxe a sabedoria para os homens. Aqui, podemos nos deparar com o coloquialismo de alguns poemas em meio à sublimidade poética em outros. Em "A um poeta", temos a multiplicidade do gênero lírico em suas várias formas e expressões. A polifonia de vozes em Secchin é formidável, atingindo a plenitude do gênero lírico, além do grandioso poder da metalinguagem e dos processos intertextuais da escrita, dialogando com a tradição literária.

Em "Pedras polidas", Secchin reconstrói seu périplo próprio como sonetista a partir do humor e da ironia. Com temas leves e humorísticos, alcança com plenitude seus leitores. A desconstrução da forma fixa do soneto é um processo genial no seu trabalho de escritor. Mais uma vez aqui, o teor de autoironia é recorrente. Os diálogos cotidianos quebram a diafaneidade da temática do sublime poético, como se vê em "Soneto da boa vizinhança". O tom de conversa e de amenidades confere leveza ao poema. Entre a seriedade e o cômico, o poeta constrói seus mais belos sonetos.

Em "Pura pedraria", há forte presença da natureza, transformada pela linguagem. Nos quatro primeiros poemas, temos o ar, o fogo, a terra e a água. Nos poemas iniciais, podemos perceber a sublimidade do que é concreto. A profundidade dos elementos cria um alfabeto da natureza semiótica, numa textualidade do que é natural, mesclando a natureza e a cultura. Em "O galo gago", poema depois transformado em livro infantil, contrariamente à gagueira do galo, Secchin não titubeia, pois é perfeito em suas magistrais construções poéticas.

Portanto, perfazendo seu voo moderado e contido, não temos em Antonio Carlos Secchin o excesso do voo de Ícaro. Não temos a soberba da linguagem. O poeta impõe os limites do voo na sua poesia para que haja uma ordem em meio ao símbolo. Secchin seguiria o conselho de Dédalo, que disse, de acordo com *O livro de ouro da mitologia*, de Thomas Bulfinch: "Ícaro, meu filho – disse, quando tudo ficou pronto para o voo, recomendo-te que voes a uma altura moderada, pois, se voares muito baixo, a umidade emperrará tuas asas e, se voares muito alto, o calor as derreterá".

MUSA DOS POETAS

Passei dois ou três meses fora de Teresina e, quando retornei, encontrei a cidade debaixo de chuva. Era uma chuva comum, por isso não trouxe sobressaltos, apenas alegria. O clima ficou ameno, muito gostoso, por alguns dias. Depois, como não mais chovesse, o sol abriu o olho com força e o calor voltou a reinar.

Mas, como tudo é mutante neste mundo, veio de novo a chuva, dessa vez durante a madrugada. Quando o dia amanheceu, o ar estava limpo e todas as coisas pareciam renovadas. Havia uma atmosfera convidando para viver com a camisa aberta no peito. Deu uma vontade de não ficar em casa, de reencontrar amigos ou simplesmente sair pelas ruas, só pelo gosto de andar.

A pé ou de bicicleta, com ou sem rumo pré-determinado, andar após a chuva é um dos melhores exercícios. Ocorre uma mudança desconhecida, não se sabe por quê. Se a chuva não existisse, o mundo seria muito triste.

A chuva me fez reencontrar Volnei dos Santos no meio das plantas que ele cuida com muito carinho. Levou-me ao fundo do quintal, dizendo que havia um presente para mim: era uma romã enorme, inchada, por isso as rachaduras. Eu mesmo a retirei do galho pendente. E logo fomos para a casa do Robert Menezes, ali pertinho, claro, depois de me mostrar as últimas preciosidades em vinil, que comprou no mercado do Mafuá. A ideia era irmos os três para a Praça Musa dos Poetas, no Horto Florestal. Já, já explico que praça é essa.

Em verdade, não sei se a praça tem outro nome: não o vi nas placas. Volnei a frequenta há muito tempo, e não só para deleite. Ele leva mudas de árvores e as coloca, por sua conta e risco, nos espaços em claro. Grande é a variedade que plantou: amora, tamarindo, sapoti, pau-darco, manga, marmorama, angico, pitanga, abricó de macaco e muitas outras. Moradores dos edifícios próximos, inspirados no seu exemplo, também se aventuram na arte de plantar. Até baobá tem na praça!

Musa dos Poetas foi ele mesmo quem batizou. Ainda que não conste nos registros da prefeitura, o nome é esse e já pegou. É claro que contou com ajuda dos poetas que lhe fazem companhia, não só os presentes em espírito, como Quintana e Manoel de Barros, mas também os que se apresentam em carne e osso e teimosia, como Elias Paz e Silva, Paulo Tabatinga, Climério Ferreira e Carvalho Neto.

> NÃO HÁ BANCOS PARA SENTAR, NÃO HÁ CANTEIROS, SÓ AS PLANTAS QUE CRESCEM A SEU JEITO, MEIO TORTAS, EM LIBERDADE.

Pois bem! Volnei travou discussão com o poeta Elias, que queria o nome Praça dos Poetas. Não sei exatamente traduzir o que rolou, vocês podem imaginar, mas Volnei deu a última palavra e todo mundo aceitou.

A praça é uma pintura! Já falei dela aqui. Tem um certo ar de abandono, talvez por isso atraiu os poetas. Graças a Deus, ninguém da prefeitura aparece por lá. Um morador, ele mesmo mandou construir um passeio de cimento, no lado da Rua Tancredo Serra e Silva, para ajudar as pessoas como ele a caminharem dando voltas. Outra rua que faz limite com a praça é a Magnólia. Nome melhor não poderia existir.

E lá estamos nós, entre as árvores, umas grandes, outras pequenas. O difícil é Volnei parar de falar, contando em detalhes a história de cada uma que plantou, só ele e Deus e a cumplicidade de poetas e moradores. Há também os episódios inexplicáveis, como o incêndio que quase botou tudo a perder.

No terreno cheio do matinho rasteiro que viceja com as chuvas, vamos palmilhando o coração dessa praça "sui generis" e seu reino de possibilidades. Não há bancos para sentar, não há canteiros, só as plantas que crescem a seu jeito, meio tortas, em liberdade.

Como tudo fica verdinho nesse tempo de chuvas abençoadas, a Praça Musa dos Poetas se eleva em simplicidade e beleza. Mas ninguém dá nada por ela. A não ser os poetas!

O PIONEIRISMO FEMININO DE AMÉLIA BEVILÁQUA

De Jerumenha, região ao Sul do Piauí, Amélia Carolina de Freitas Beviláqua foi a primeira mulher a se candidatar a uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1930, embora tenha sido rejeitada por não corresponder ao regimento, que prevalecia a candidatura a escritores homens. Sendo relatado na tese de doutorado da professora Algemira Macêdo (Uespi), que sete foram favoráveis à aprovação de seu nome e 14 membros votaram contra.

A filha do jurista e político Desembargador José Manuel de Freitas e da D. Teresa Carolina da Silva Freitas, foi casada com Clóvis Beviláqua, filósofo e historiador cearense, e teve quatro filhas. Nasceu em 07 de agosto de 1980, residiu os primeiros anos da vida no Piauí, depois morou em São Luís-MA e Recife-PE e, por último, no Rio de Janeiro-RJ, onde faleceu em 17 de novembro de 1946, com 86 anos.

O início da vida literária de Amélia começou ainda nos primeiros anos de escola em São Luís, no jornal do colégio com a publicação de contos e poesias. Foi redatora e cofundadora da revista Lyrio de Recife, em 1902. A primeira edição feminina feita por mulheres no Nordeste, que contava com crônicas, contos e comentários literários.

Ela escreveu para a Revista do Brasil, de São Paulo, e em grandes jornais de circulação de Recife. Contista, poeta, crítica literária, ensaísta, teve diversos textos publicados em jornais do país. Entre os romances estão Através da vida (1906), Angústia (1913) e Contra sorte (1933). Os contos foram Milagre de Natal (1928), Literatura e Direito (1907), Impressões (1929), Divagações sobre a consciência (1931), Alma universal (1935).

Outras publicações que marcaram a sua carreira literária foram a revista Ciência e Letras, Literatura e Direito, Almanaque Brasileiro Garnier, Enciclopédia e Dicionário Internacional. Amélia enveredou pelo caminho das letras por influência do marido e do irmão, João Alfredo de Freitas. De Clóvis Beviláqua ela tinha o respeito e admiração pelo interesse na literatura, partiu dele a proposição para concorrer a cadeira na ABL. Mas desde os 8 anos de idade, quando leu o seu primeiro livro "Paulo e Virgínia", de Bernardin de Saint Pierre, foi fisgada pelo universo literário.

Embora não tenha obtido o reconhecimento nacional, recebeu o prestígio nacional, no Piauí a escritora ocupou a cadeira 23° da APL (Academia Piauiense de Letras), também foi patrona da cadeira 48 da Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno-Ceará e patronesse da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil-AJEB.

Amélia Beviláqua e sua história na luta pelos direitos das mulheres foi relatada na literatura piauiense por escritores como Lucídio Freitas, Mathias Olimpyo, João Pinheiro, Herculano Moraes e Monsenhor Chaves. Na sua busca em ocupar espaços, majoritariamente, frequentados por homens, a escritora foi importante para abrir caminhos a outras grandes literatas.

lia
velágua

ARTE NA CORDA BAMBA

Com um ano de pandemia e muitos desafios a enfrentar, artistas refletem sobre produção, conexões e novas formas de criação.

POR POR OHANA LUIZE E VALÉRIA SOARES

ILUSTRAÇÕES JOÃO BRENTANO

No último ano, trabalhos e interações aconteceram, na maioria das vezes, por meio de reuniões online, sob mediação de telas e seguindo recomendações sanitárias. Em reportagem de setembro de 2020, Revestrés discutiu o *boom* das *lives* no meio artístico e como esse recurso contribuiu com as relações entre artistas, público e trabalhadores do setor.

De lá para cá, o que mudou? Como foram continuados os trabalhos que pedem a presença de público, a exemplo de teatro, cinema, shows? Ao produzir, tentar compreender o mundo e se relacionar com o público em contexto de pandemia, como os artistas têm se equilibrado nessa corda bamba?

A diretora de teatro e atriz Mika Lins considera que produzir arte tem exigido disposição para novas perspectivas. "No começo da pandemia, o sentimento que perpassou pelos produtores de teatro foi: como continuar os trabalhos? O 'baque' na economia artística foi muito grande. Tem iluminação, camarim, cenografia, atores, autores. Quebrou uma parte desse setor. As pessoas ficaram mesmo sem trabalho, passando dificuldades" - diz.

Com o fechamento dos teatros paulistas, a saída que Mika Lins encontrou foi interagir via Instagram, criando #Shakespearenaquarentena, um exercício de leitura de textos que também experimentava a comunicação com as pessoas. Ela passou a publicar vídeos em seu perfil pessoal, com atuação dela própria e de outros atores e jornalistas amigos.

O coreógrafo Marcelo Evelin considerou importante buscar conexões fora das redes sociais. "Essa parada brusca me proporcionou olhar para o mundo e os seres vivos de outra forma, reconhecendo outros saberes e viabilizando outras lógicas de como estar no mundo, como indivíduo e como parte de uma coisa muito maior". Ele conta que evitou as *lives* e a absorção pelo volume exorbitante de informações via internet, mas participou de trabalhos *online* a convite de amigos e em cursos remotos. Pelas redes sociais é possível ver o coreógrafo piauiense, que vive entre Europa e Brasil, ora participando de trabalhos, ora buscando experiências de contato com a natureza.

Quem também experimentou outros saberes e artes foi o diretor de cinema Halder Gomes. O cearense, que se tornou sucesso de público com filmes como *Cine Holliúdy*, ao ficar confinado em casa usou o tempo para a pintura e produziu mais de 100 telas. Elas também viraram cinema, tornando-se material para o curta bem humorado *Cóu istories*, produzido para o programa Convida, do Instituto Moreira Salles, e exibido no Youtube. "Esse curta foi uma espécie de recorte do momento que estamos vivendo", disse Halder.

Além das muitas telas pintadas, Halder também se dedicou à comédia *Bem-vinda a Quixeramobim*, filme gravado no final de 2020 em Juatama, distrito de Quixadá, interior do Ceará. Com a equipe isolada em um hotel, o cineasta se viu na missão de mudar todo o roteiro para seguir os protocolos sanitários e gravar o filme. Se em entrevistas anteriores o diretor já afirmava que "fazer filme é difícil", para Revestrés ele enfatizou que, na pandemia, isso se tornou ainda mais complexo. Halder considera que nem todo projeto pode ser gravado nessas condições, sob risco de colocar a perder um ótimo roteiro caso a adaptação não seja eficiente. Durante a produção desta reportagem, ele trabalhava na 2ª temporada da série *Cine Holliúdy*, que passou a fazer parte das produções da Globo.

Mesmo em meio ao caos, a pandemia tem sido também uma forma de aprender e compartilhar. Pensando assim, o documentarista piauiense Otávio Almeida finalizou o curso de Direção de Documentários na EICTV (Escola Internacional de Cinema e Televisão de Cuba) e faz planos de, em breve, filmar viajando pelo Piauí, apesar dos ataques à cultura e à produção audiovisual nos últimos anos – "um projeto de governo ao qual é preciso resistir" – frisa Otávio.

Em Teresina, o cantor Valcián Calixto havia iniciado as gravações do segundo disco pouco antes da pandemia e tem tentado encontrar estratégias que se relacionem com o momento e com suas possibilidades de inserção no mercado. "Eu não posso levar em conta estratégias de artistas como Lady Gaga, por exemplo, distantes da minha realidade", argumenta. Também formado em jornalismo, ele seguiu o caminho de lançar *singles* a cada 15 dias durante três meses até liberar o disco completo em formato digital. "Cada *single* vinha acompanhado de um clipe ou uma participação especial, como forma de dar mais impacto ao trabalho e de criar pontes".

“ALÉM DE DANÇAR, ESTAMOS NOS PERMITINDO REAPRENDER A FALAR, A CANTAR, A REZAR E A CHORAR.

MARCELO EVELIN, COREÓGRAFO.

ENTRE VIDA E MORTE E (RE)NASCIMENTO

O distanciamento social se converteu em possibilidade de testar novas formas de fazer teatro. Mika Lins se preparava para lançar espetáculo com patrocínio da Lei Rouanet quando tudo mudou e o público teve que se tornar virtual. Era a peça *Pós-F*, inspirada no livro de Fernanda Young e interpretada em monólogo pela atriz Maria Ribeiro.

Se o público era virtual, por outro lado a atriz e equipe estavam presencialmente no teatro Porto Seguro. Assim, também tiveram que pensar em testagem para Covid e todos os protocolos de segurança. O resultado é definido pela diretora como um grande sucesso: foram oito apresentações para mais de 10 mil espectadores de várias cidades diferentes do Brasil – um público que não teria acesso à peça sem o formato virtual –, e ainda com sessões de bate-papo com a atriz ao final.

Artistas e público passaram a estar mais sensíveis a temas como vida e morte e avaliações sobre o viver. Se *Pós-F* é um relato autobiográfico corajoso sobre liberdade, relações e inadequações, Marcelo Evelin falou de vida e morte de modo ainda mais direto. De volta à Europa, desta vez com máscaras e álcool em gel na bagagem, ele produziu, junto a seus alunos da Escola Superior de Artes, em Amsterdam, o espetáculo *The Dead and The Other (Os Mortos e os Outros)*. "A peça tratava de chamar, invocar e tentar ouvir os que não mais estão e os que ainda não estão", disse. A apresentação era encerrada com um dos *performers* apresentando ao público sua filha, com apenas 20 dias de nascida, ao som de samba. O bebê representaria novos tempos e a esperança no amanhã.

> "O ESVAZIAMENTO DA ÁREA CULTURAL DÁ A IMPRESSÃO DE QUE É QUASE UMA VINGANÇA DA ESFERA FEDERAL, PORQUE ELES SÃO MESMO CONTRA CULTURA, CIÊNCIA, TUDO QUE É ESCLARECIDO.
> MIKA LINS, DIRETORA DE TEATRO

Durante o contato para esta reportagem, Marcelo estava na França, criando o dueto *A noite cai quando ela quer*, em parceria com a coreógrafa franco-marroquina Latifa Laabissi. O espetáculo é uma vigília que atravessa um longo tempo. "Além de dançar, estamos nos permitindo reaprender a falar, a cantar, a rezar e a chorar", diz o coreógrafo.

Nada Tem Sido Fácil Tampouco Impossível deu título e "espírito" ao álbum de Valciãn Calixto. Com referências adquiridas ao longo dos anos, o artista foi ao encontro de seu afrocentrismo por meio de ritmos, temas, arte de capa e composições. "É um disco solar, bem humorado e reflexivo a um só tempo. Creio que se tornou um disco positivo, fortalecedor no momento incerto que o Brasil e o mundo atravessam", diz Valciãn, que define seu disco como um "ato de fé".

A morte renascida como homenagem e solidariedade foi o que motivou a cantora Monise Borges a embarcar nas *lives* com o trabalho *Memoriar*, uma reverência às pessoas que haviam perdido a vida por conta da Covid. "Esse trabalho gerou muita comoção, foi algo realmente feito de alma e coração", diz Monise. Ela também participou de outros eventos *on-line* como a campanha *Todos pela Cultura*, do grupo Geleia Total, que buscou arrecadar recursos para artistas teresinenses. "Não tivemos um lucro maravilhoso, mas deu para dar uma injeção de ânimo".

PARA SAIR DA CORDA BAMBA

Os produtores culturais não pararam, mas não receberam todo o apoio necessário para realizar seus trabalhos. O projeto de Lei Aldir Blanc (encabeçado pela deputada Benedita da Silva - PT/RJ, e pela deputada Jandira Feghali - PCdoB/RJ), aprovado durante a pandemia depois de muitos entraves no Congresso Nacional, foi uma das formas de financiamento através de editais via estados e prefeituras. Além da lei, alguns projetos da iniciativa privada também viabilizaram financiamento aos artistas que não integram a indústria cultural patrocinada por grandes marcas e empresas.

Otávio Almeida e a roteirista Ana Clara Ribeiro, de Teresina, juntamente com a produtora criativa Fernanda Vidigal, de Belo Horizonte, tiveram

> DEVO A OPORTUNIDADE DE FAZER CINEMA A EDITAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA. O MERCADO NÃO ENXERGAVA POTENCIAL NAQUELE FILME.
>
> HALDER GOMES, DIRETOR DE *CINE HOLLIÚDY*

projeto aprovado na Lei Aldir Blanc e realizaram, entre 2 de fevereiro a 11 de março, o *Faz!Doc*, uma oficina gratuita sobre a produção de documentários, que ofertou 20 vagas e recebeu 152 inscritos. Para Otávio, a quantidade de inscritos demonstra o potencial cinematográfico do Piauí e a carência de programas de formação de qualidade no segmento audiovisual. Para permitir um maior número de participantes, foram selecionados 25 inscritos, sendo 15 de Teresina e 10 do interior do estado. Além desses, 37 ouvintes receberam posteriormente o conteúdo gravado. "Conseguimos criar um modelo que funcionou bem no formato *on-line*, e a cada semana temos uma aula mais expositiva e uma aula que é um bate-papo com um convidado, um profissional atuante em cada etapa do processo do cinema de documentário", explicou.

A empresa responsável pela distribuição de energia no Piauí, Equatorial Piauí, realizou investimentos por meio da Plataforma E+. De acordo com Maurício Velloso, presidente da empresa, "a Lei de Incentivo via ICMS do Estado do Piauí nos possibilitou desenvolver estratégias específicas na nossa política de patrocínios para contribuir positivamente no segmento, que sofreu grandes impactos no ano da pandemia". Os trabalhos estiveram alinhados com a Secretaria de Cultura do Piauí – Secult, que buscou atender particularidades de cada localidade. Segundo dados da Equatorial, foram investidos mais de R$6 milhões em patrocínios no ano de 2020. Além disso, 71 projetos foram selecionados pelo Sistema Estadual de Incentivo à Cultura (Siec), dos mais variados segmentos: música, teatro, dança, humor, cinema, literatura, artes plásticas, gastronomia, pesquisa e documentação, patrimônio histórico, artístico e ambiental. A expectativa da empresa para 2021 é dar continuidade aos patrocínios de projetos culturais em Teresina e no interior do Piauí.

A Secretaria Estadual de Cultura do Piauí (Secult/PI) afirma que cerca de R$30 milhões foram destinados ao estado, divididos entre a renda emergencial aos artistas e espaços culturais que cumprissem todos requisitos da legislação. Entraram nesta conta também editais e projetos de variadas linguagens.

As artes cênicas, música, literatura, audiovisual e expressões de cultura popular foram o foco do festival *Sossega o Facho em Casa*, em março de 2020. Ainda com a mensagem de incentivar a permanência das pessoas em casa, o projeto *Te aquieta e lê* levou cerca de 1.400 livros para a população de forma gratuita, com entregas realizadas em domicílio.

No âmbito da Lei Aldir Blanc, foram três editais até agora: Maria da Inglaterra, Prêmio Seu João Claudino e Afrânio Castelo Branco. Mas se a conquista da nova legislação e da destinação dos recursos veio em meio a muita movimentação, o andamento não foi diferente, sendo atravessada por reclamações, produção de sucessivas erratas e questionamentos. Um dos artistas que fizeram críticas duras à gestão do processo envolvendo a Lei Aldir Blanc no Piauí foi Valcián Calixto. Na opinião do teresinense, a sequência de erratas permitiu supor "que tudo ali parece ser intencional, parece um projeto, então fomos denunciando e conseguimos algumas vitórias". Valcián e outros críticos ocuparam espaços em redes sociais e na mídia local para questionar o que apontavam como falhas.

Monise Borges, que não foi aprovada em edital da Secult, reclama que seus 20 anos de carreira e currículo comprovado não foram suficientes. O ponto de crítica da cantora é direcionado ao curto prazo no cronograma dos editais e ao que ela considera "despreparo" da equipe para julgar o que se pedia em caráter de emergência.

O secretário de Cultura, Fábio Novo, defende a atuação da Secult e diz que o processo de classificação dos editais foi transparente, obedeceu a critérios técnicos e à legislação vigente. "A comissão responsável trabalhou em

tempo recorde para avaliar, selecionar os projetos e repassar ao setor financeiro, visto que a Medida Provisória, publicada pelo Governo Federal e que garante a execução dos recursos da Lei Aldir Blanc em 2021, dizia que somente poderiam ser gastos com projetos finalizados e empenhados até o dia 30 de dezembro de 2020". E complementa: "Mesmo com toda a crise que estamos enfrentando, temos trabalhado incansavelmente para estimular o setor cultural" e cita, além dos editais do Siec e Lei Aldir Blanc, a realização de *lives* no Theatro 4 de Setembro, com artistas de diversos segmentos, e a manutenção do Projeto Boca da Noite, acontecendo também por meio de *lives*.

Valcián, "parcialmente" (em suas palavras) contemplado com recursos da Lei Aldir Blanc, afirma que mantém as críticas por considerar que a gestão da secretaria atua de maneira distante dos artistas.

Marcelo Evelin acredita que uma Lei como a Aldir Blanc dá legitimidade para artistas que atuam de forma mais invisível e menos comercial, para a arte popular, que ainda se vê marginalizada. "Aconteceu um reconhecimento a muitos outros tipos de artistas, tão importantes quantos os 'de sucesso', e isso nos fez repensar a importância e o valor da arte dentro da nossa sociedade. Isso pra mim foi a maior conquista", diz. Marcelo teve o projeto Campo Arte Contemporânea aprovado, mas a plataforma Demolition Incorporada não teve aprovação nas leis estaduais (Maria da Inglaterra e João Claudino).

Críticas à gestão dos recursos da Lei Aldir Blanc foram diversas pelo país. A diretora Mika Lins fala que em São Paulo a prefeitura tentou remediar as defasagens do Governo Federal em relação à produção artística. "O esvaziamento da área cultural dá a impressão de que é quase uma vingança, sim, da esfera federal, porque eles são mesmo contra a cultura, a ciência, tudo que é mais esclarecido", reflete. Ela observa que governos anteriores, mesmo mais atentos, também negligenciaram a cultura: "A gente ainda não conseguiu ter um grande orçamento para cultura no país."

Para Halder Gomes, os editais são cruciais em qualquer momento, seja em pandemia ou não. "Eu mesmo devo a oportunidade de fazer cinema ao edital de baixo orçamento do Ministério da Cultura, foi quando consegui fazer o *Cine Holliúdy* de forma independente. O mercado não enxergava potencial naquele filme e ele foi descoberto pelas curadorias dos editais". Para Halder, é dever dos governos municipais, estaduais e federal fomentar as culturas locais. "É o que dá a identidade de um povo. São os projetos independentes, autorais, que revelam as facetas de onde vivemos".

2021 segue desafiando população, produtores culturais, público, governos, órgãos responsáveis por ações, empresas. Enquanto o país sente os efeitos da pandemia, de forma cada dia mais dolorosa, toda a cadeia de profissionais, grupos e iniciativas culturais corre contra o tempo e enfrenta adversidades, em processo de reinvenção urgente ou em risco de sufocamento. As polêmicas em torno dos projetos aprovados ou recusados não deixam de ser reveladoras da carência de recursos do setor, quando contemplados e não contemplados passam a brigar entre si e deixam de discutir políticas públicas de modo mais profundo, eficaz e justo.

Em toda essa questão, é impossível negar: mesmo na corda bamba, a arte, mais uma vez, é fundamental no combate à desesperança. Um respiro no sufoco constante desses dias.

ENTREGA DE CHIPS AMPLIA PARTICIPAÇÃO DE ALUNOS EM ATIVIDADES ESCOLARES

Com o ensino remoto, as escolas transferiram o ambiente da sala de aula para o espaço virtual, adaptando às diferentes realidades dos alunos em busca do objetivo comum: não deixar nenhum aluno para trás. Na Unidade Escolar Dr. Barroso, no município Dirceu Arcoverde, localizado a 680 quilômetros de Teresina, a equipe gestora utiliza como estratégia para alcançar todos os estudantes o projeto Diário de Bordo.

A proposta visa ao acompanhamento das atividades síncronas como uma viagem do conhecimento durante o período de ensino remoto tendo como base a observação, imaginação e adaptação dos estudantes no processo de assimilação do ensino.

A Unidade Escolar Dr. Barroso propôs aos 176 alunos a atividade partindo da ideia de que estarão, neste tempo de pandemia, fazendo uma viagem espacial em busca do conhecimento para se adaptarem ao novo mundo. A escola comprou cadernos para todos os alunos e está padronizando-os para as atividades, como explica a diretora Maristela Café.

"Durante a viagem, em todas as aulas síncronas eles registram o que observaram, colocam a data, tema da aula. Além disso, o projeto propõe que, durante o percurso do ano letivo, eles leiam muitos livros de seu

interesse, onde cada exemplar será um planeta visitado e o visitante deverá relatar o que viu nesse planeta. No final, o tripulante que visitar mais planetas, isto é, ler mais livros, será premiado pela escola e receberá uma condecoração de Astronauta do Ano", destacou a gestora.

O projeto Diário de Bordo abrange a todas as disciplinas e é destinada às atividades que são videoaulas, apresentações no Google Meet, de vídeos, filmes, áudios, nas quais eles precisam marcar participação assistindo e observando o que o professor definiu nos objetivos de sua atividade proposta naquela apresentação.

ENTREGA DE CHIPS

Uma das ferramentas importantes para a realização do projeto foi a entrega dos chips que possuem tecnologia 4G e pacote de dados de 20 giga mensal, disponibilizados pela Secretaria de Estado da Educação (Seduc) para que os alunos tenham acesso aos conteúdos educacionais.

Mais de 180 mil chips foram entregues aos estudantes da rede pública com o objetivo de garantir aos estudantes matriculados na rede estadual de ensino o acesso à internet diante do cenário de pandemia e de aulas remotas.

No município, a entrega dos chips transformou o comportamento dos alunos em relação às aulas remotas e intensificou a participação nas atividade propostas em sala virtual.

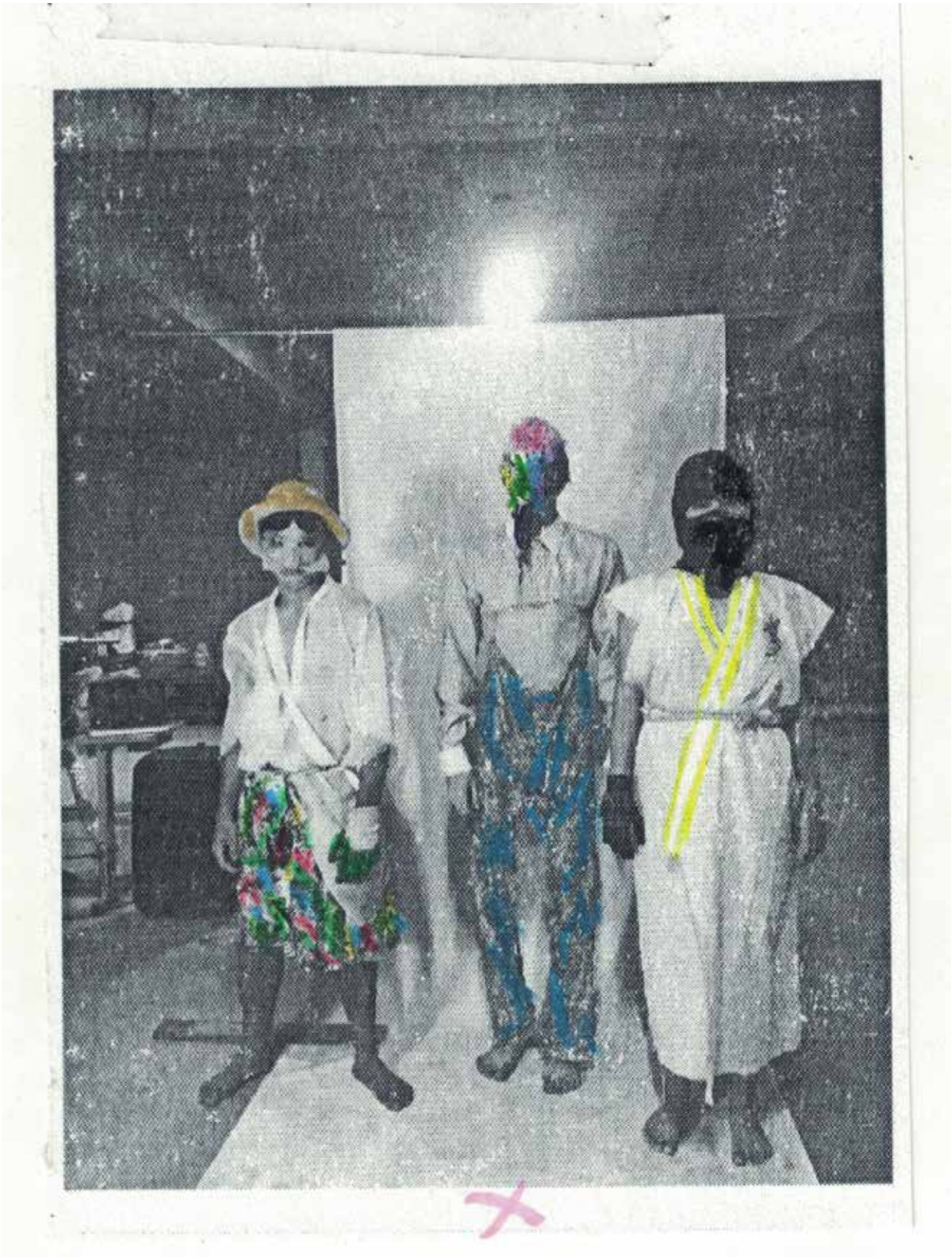
"O aplicativo tem facilitado muito o contato entre professores e alunos. Percebemos que o interesse os alunos aumentou, porque a internet é de qualidade e eles conseguem alcançar seus objetivos nas aulas propostas pelos professores, como videoaulas, salas virtuais, baixar material em PDF. A Seduc está de parabéns com o apoio tecnológico que vem oferecendo aos nossos alunos", afirmou Maristela Café. ●

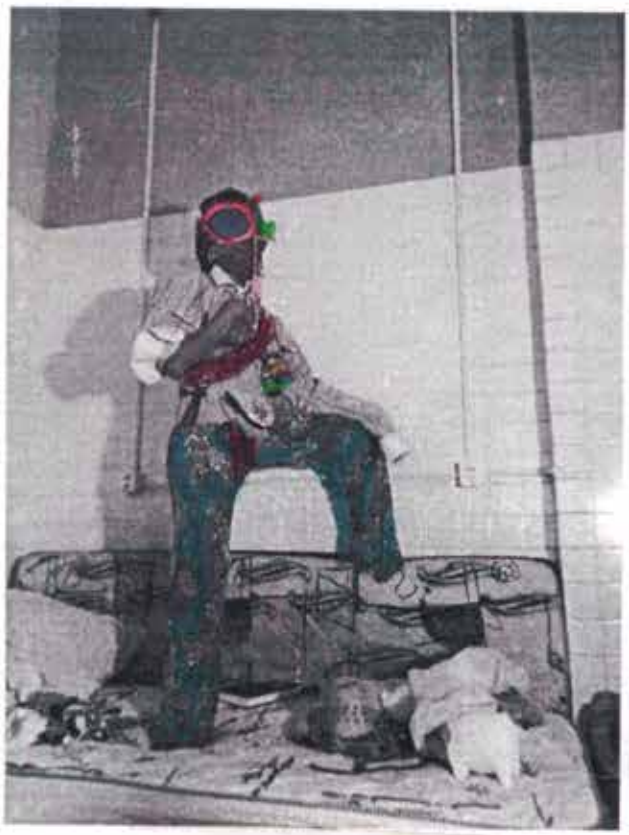
Ouça as notícias do Governo do Piauí

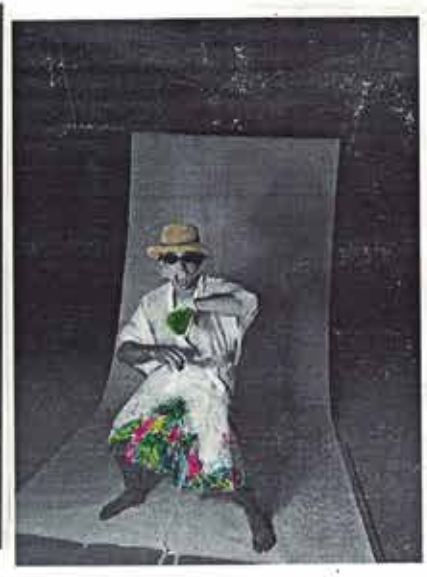
SOUNDCLOUD

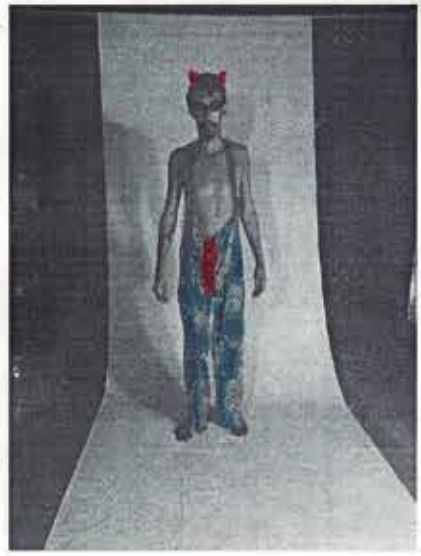
Spotify

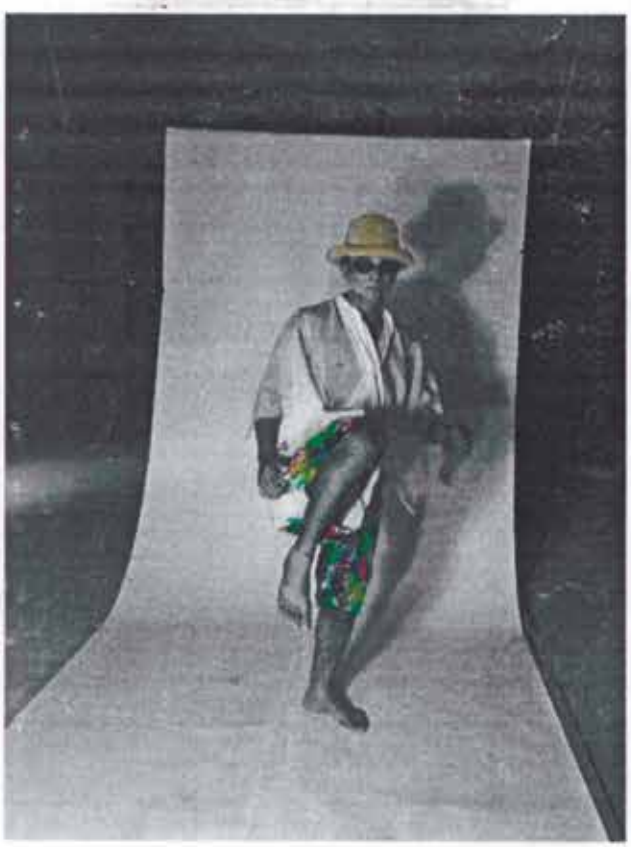
ENSAIO
POR FORGIVE GUI

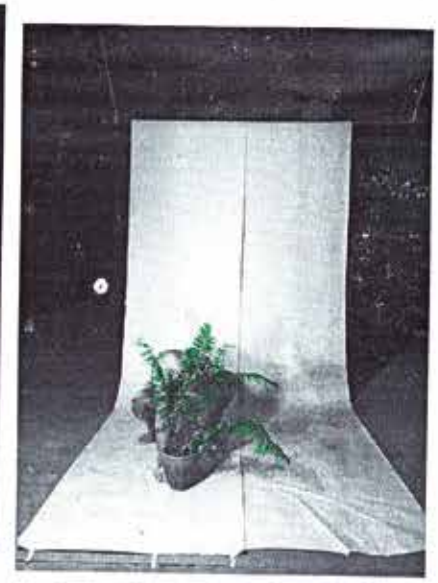


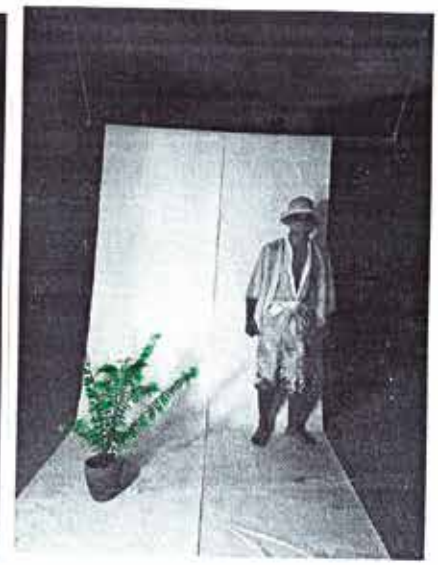


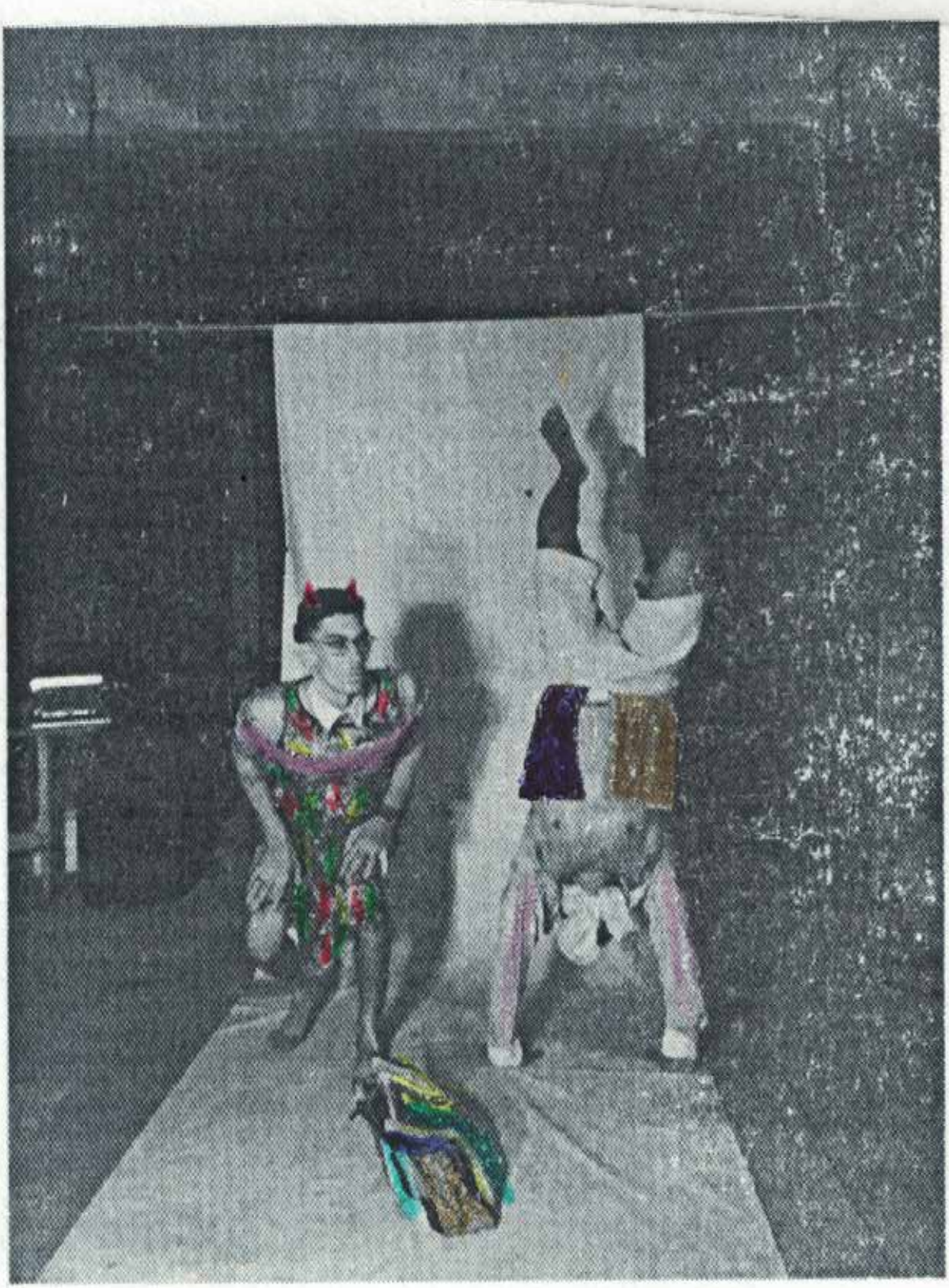


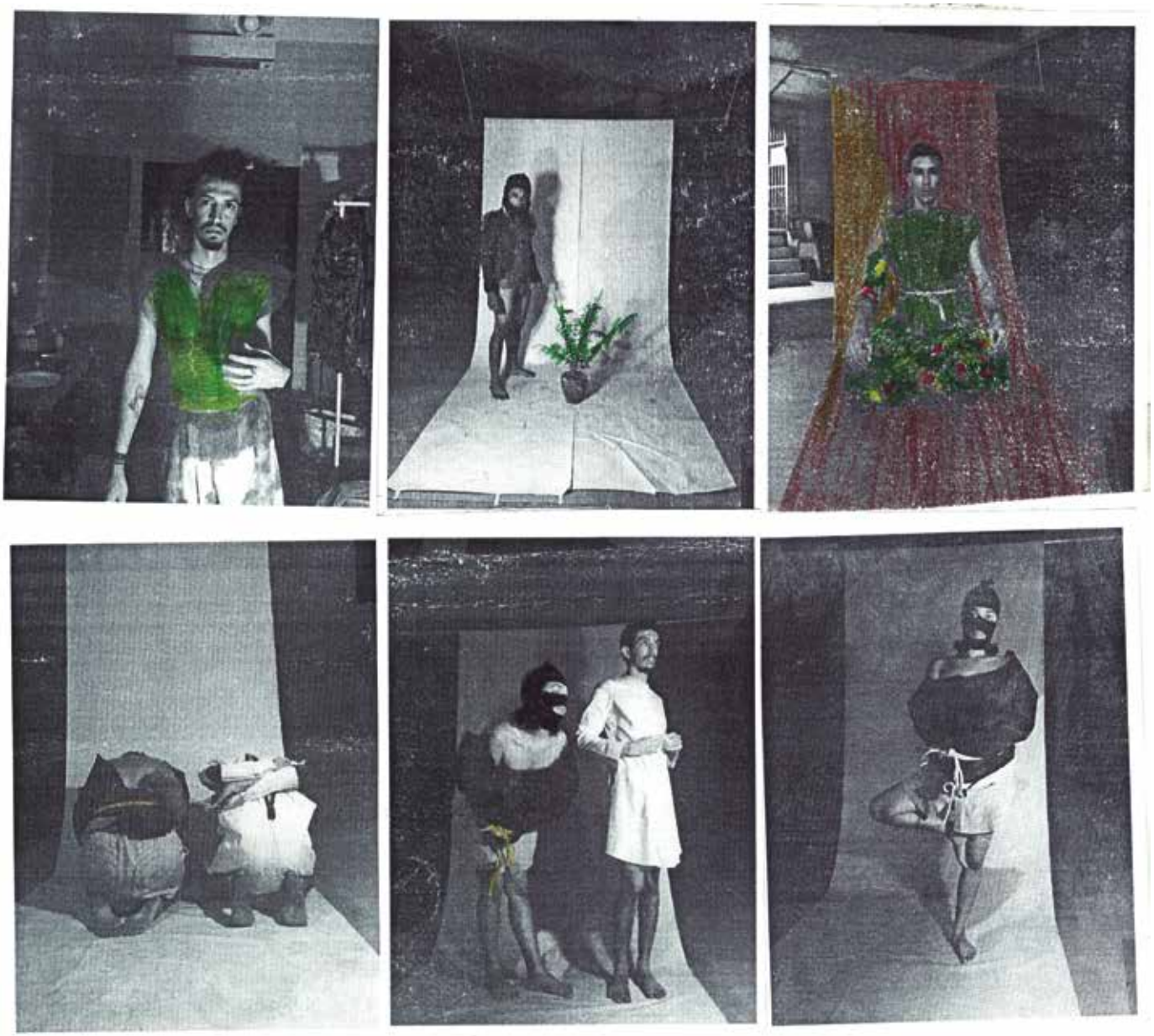












As criações têxteis de Gui Fontineles propõem, através de deslocamentos, trazer para nossa realidade seres, monstros, forças, presenças, super heróis e vibrações que não nos atentamos a ver.

No desfile o artista convida o público a posar e fotografar, a brincar com o desejo, seduzindo e dançando realidades onde possamos existir. Registros em selfie, iluminação incomum, infinito e particular, o fundo, as sombras. O celular programado, automático, o clique dado duas vezes. O trabalho segue dentro das noites, enquanto os cabides vez por outra balançam.

Estudo de imagens forgive gui, deriva do desfile out side run away forgive gui - jardan edition, apresentado no CAMPO arte contemporânea, Teresina, Piauí, em novembro de 2019. Foi a primeira mostra pública do trabalho de várias noites da @forgive.gui, plataforma de estudos fashion-performáticos.

Performado com a colaboração de amigues, Allexandre Santos, Anna Rachel, Elias Medeiros, Shawene Gonçalves, Kárystom Soares, Gui Fontineles e Clotilde Cappelletti.

Texto: Gui Fontineles e Anna Raquel

EMPRESAS REFORÇAM MEDIDAS PARA EVITAR COVID-19 COM AÇÕES EDUCATIVAS JUNTO AOS COLABORADORES

As concessionárias da Aegea Saneamento têm reforçado junto aos colaboradores as dicas para evitar a propagação do coronavírus. No Piauí e Maranhão, o grupo atua por meio da Águas de Teresina e Águas de Timon, que têm intensificado atividades internas como palestras online e comunicados, com o intuito de orientar para as medidas sanitárias e necessidade de distanciamento social.

"Como embaixadores da saúde, temos reforçado as mensagens de prevenção junto aos nossos colaboradores para que evitem aglomerações e adotem todas as medidas de higiene necessárias à prevenção da Covid-19. Ainda não acabou. Continuamos em estado de pandemia e todo cuidado deve ser adotado", destaca Cleyson Jacomini, diretor-presidente das concessionárias.

Desde o início da pandemia, as empresas, em uma readaptação rápida, adotaram diversos protocolos para garantir a segurança e a saúde de seus funcionários. Foram distribuídos máscara e álcool em gel para todos, colaboradores da área administrativa foram colocados em home-office, além da realização de testagens, aplicação da vacina contra o H1N1 e acesso à telemedicina. As instalações foram adaptadas de forma a construir um ambiente seguro para colaboradores e clientes, sendo certificadas com o selo Safe Guard, concedido pela Bureau Veritas Certification.

Além do cuidado com o público interno, a Águas de Teresina desenvolveu diversas ações colaborativas junto ao poder público e à sociedade civil organizada. Foi disponibilizada solução de hipoclorito para sanitização em espaços públicos; parceria para confecção de máscaras de proteção e apoio na logística de produção de álcool 70% para doação aos profissionais da linha de frente dos hospitais do Piauí; instalação de pias para higienização das mãos em áreas de grande circulação de pessoas e implantação da rede de água para os hospitais de campanha.

No município maranhense, a Águas de Timon realizou a distribuição de mais de 10 mil litros de hipoclorito de sódio, para a desinfecção de pontos de grande circulação de pessoas. Também instalou lavatórios em vias públicas, para que os moradores possam higienizar as mãos. Atendendo às recomendações dos órgãos de saúde de evitar aglomerações, a empresa reforçou ainda os canais digitais e de teleatendimento. Todos os serviços podem ser solicitados sem a necessidade de sair de casa. ●

Participação no Programa do Jô Soares, na TV Globo, em 2008

O SHOW PRECISA CONT

POR VALÉRIAS SOARES

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Um som que saía de quatro cordas tocadas em um instrumento semelhante a uma gota chamou a atenção de Herberth Vinicius durante a missa na catedral de Nossa Senhora da Vitória, em Oeiras, Piauí. Para ele, lá do seu posto de coroinha, no altar da igreja, os cantos litúrgicos entoados eram lindos de se ouvir. Aos 12 anos, foi fisgado pelas canções interpretadas por senhoras bandolinistas. Dessa época, 2004, ele rememora o início da paixão pelo instrumento que tem mudado sua vida e a de outros tantos oeirenses.

Herberth foi aluno de Zezé Ferreira, exímia bandolinista, que ajudou a construir a tradição dos bandolins na primeira capital do Piauí, cidade com população de pouco mais de 36 mil habitantes, localizada no centro do estado. O garoto começou a ter aulas aos 15 anos com um instrumento usado, cedido pela professora, que também não lhe cobrou pelas aulas. "Ela me disse: 'assim como aprendi a tocar bandolim de graça, vou ensinar de graça!', e isso me marcou profundamente", conta. Hoje, aos 28 anos, o trabalho de Herberth consiste em ensinar novas gerações, agora como regente e professor, dando continuidade a uma tradição musical que vai completar um século na cidade.

O bandolim abriu caminhos para ele e para outros oeirenses. A paixão pelo instrumento, que começou com as professoras Araci Carvalho, Maria Queiroz, Filó Carvalho e com maestros das bandas de música da cidade, teve grande efervescência na década de 1980, quando nasceu o grupo musical "Bandolins de Oeiras", formado por Petronilia Amorim (Dona Petinha), Rosário Lemos, Lilásia Freitas, já falecidas; e Antonieta Maranhão (Dona Niêta), Zezé Ferreira e a maestrina Celina Martins.

Bandolinistas de Oeiras recebem a Ordem do Mérito Cultural em 2005 pelo Presidente Lula e Gilberto Gil, como ministro da Cultura.

Ensaio dos alunos na Escola Dona Petinha, em Oeiras

INUAR

Em Oeiras, a tradição dos bandolins é perpetuada por gerações há quase um século.

Elas começaram a tocar bandolim nos eventos da igreja, ainda jovens. Com as obrigações de casa e família, a música ficou dispersa, sendo retomada de modo mais organizado nas comemorações dos 250 anos da igreja de Nossa Senhora da Vitória, quando as amigas já tinham cerca de 70 anos de idade. Passaram a realizar apresentações em diversas solenidades cívicas e em atividades sociais da cidade, bem como em eventos dentro e fora do Piauí. Como em 2004, quando se apresentaram no Festival das Três Fronteiras, na Argentina.

O promotor de justiça Carlos Rubem Reis, conhecido como "Bill", foi uma das pessoas que acompanharam as "meninas", e se tornou produtor cultural do grupo e das "coisas de Oeiras". Ele recorda que pipocaram convites para se apresentarem, principalmente após a gravação do CD *Bandolins de Oeiras*, lançado nos anos 2000. "Guardo muitas reminiscências do período em que acompanhava as meninas. Havia 'briguinha' entre elas pela escolha do repertório. Valsas e chorinhos eram os ritmos que mais apreciavam. Além de *Carinhoso*, de Pixinguinha, impreterivelmente, tocavam composições do professor Possidônio Queiroz, ilustre conterrâneo", fala saudoso.

Bill guarda na memória grandes momentos do grupo, como quando foram homenageadas com a Ordem do Mérito Cultural, instituída pela Lei 8.313/91 em reconhecimento a artistas brasileiros. "Isso aconteceu no Salão Nobre do Palácio do Planalto, em Brasília, em 8 de novembro de 2005, quando elas executaram o Hino Nacional em seus bandolins", conta. A insígnia foi entregue pelo então presidente Lula e por Gilberto Gil, à época ministro da Cultura.

As bandolinistas também foram destaque em rede nacional de TV quando participaram do Programa do Jô Soares, em 2008, na TV Globo, numa bem humorada entrevista conduzida pelo apresentador, impressionado com o talento das senhoras.

Apresentação durante a FLOR - Feira Literária de Oeiras em 2018

A TRADIÇÃO DE GERAÇÕES

"Apesar do nosso insulamento geográfico — plantada nos sertões de dentro — a música, em nossa cidade, sempre foi uma característica forte, mas houve uma lastimável retração dessa arte", argumenta Bill, pontuando que a tradição permanece viva e há muito a ser feito.

Para o professor Herberth, o "sentimento de pertencimento e identidade cultural é muito forte em Oeiras. E essa é uma questão que sempre tem que ser debatida por meio da educação, começando com as crianças, dentro das escolas".

Em 2015, Herberth foi convidado pela secretária municipal de Educação da época, Tiana Tapety, para ministrar aulas na rede municipal de ensino. O projeto, denominado "Núcleos de Cultura", deu oportunidade para que alunos do ensino público tivessem acesso gratuito, além das aulas de bandolins, a oficinas de violão, flauta, saxofone, teclado, aulas de capoeira, teatro, dança, canto coral e congos. "Foi lá que formei o primeiro grupo com crianças de 9 e 10 anos de idade - Os Bandolins Mirins-, e sou professor até hoje", relata.

Na Escola de Bandolins Dona Petinha, inaugurada pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult) em 2016, Herberth tornou-se regente e ministra aulas para 44 alunos, entre adultos e crianças. São três turmas de bandolins e uma de violão. Oeiras hoje tem dois projetos voltados para a continuidade da tradição dos bandolins e outros instrumentos. A Escola Dona Petinha, que faz homenagem a uma das senhoras fundadoras do grupo Bandolins de Oeiras, funciona no Centro Cultural Sobrado Major Selemérico. É lá que jovens como Alexandre Augusto Rêgo Leite e Jarlon Lima Silva, ambos com 15 anos, tiveram contato com o instrumento aos 10 anos e hoje realizam apresentações com a Orquestra Bandolins de Oeiras, em sua nova formação, com jovens músicos.

Parte da nova geração enxerga o bandolim como elemento cultural da cidade e como oportunidade de mudança de vida. "Dar continuidade a esse legado é uma honra. O bandolim, aqui na nossa cidade, foi por muito tempo um símbolo de inclusão, quando mulheres que poderiam ficar apenas em tarefas domésticas tiveram oportunidade de ser 'grandes', né?", diz Alexandre Augusto.

As senhoras instrumentistas de Oeiras se tornaram referência, assim como outro músico da cidade,

Apresentação da Orquestra de Bandolins no Centro Cultural Coronel Benjamim José Nogueira em Corrente-PI (2018)

> A MÚSICA É UMA PONTA DE ESPERANÇA EM MEIO AO CAOS DO MUNDO. NUNCA VAI SER CLICHÊ DIZER QUE A ARTE TRANSFORMA. HERBERTH VINICIUS, PROFESSOR

Possidônio Queiroz, uma das inspirações de Jarlon Silva. O jovem destaca que, por meio do bandolim, passou a apreciar outros estilos musicais. Hoje fazem parte do seu repertório clássicos brasileiros do samba e da bossa nova, além das famosas valsas do flautista "Possi", como chamam o conterrâneo.

"Esse trabalho transformou a vida das crianças, criou um novo olhar sobre a importância do apoio à cultura, ganhou o respeito da população. É um ofício de sensibilizar corações", diz o professor Herberth. "A música é uma ponta de esperança em meio ao caos do mundo. Nunca vai ser clichê dizer que a arte transforma".

A nova geração da Orquestra Bandolins de Oeiras já realizou inúmeras apresentações. Em 2017, tiveram, como palco, o Congresso Nacional, em Brasília, em Sessão Solene comemorativa aos 300 anos de Oeiras. Em 2018, fizeram uma turnê por cidades do Piauí e, no início de 2020, lançaram um CD com 10 canções.

Assim como grande parte dos artistas, os jovens bandolinistas de Oeiras também pararam suas atividades por conta da pandemia, interrompendo os ensaios coletivos. Recentemente (fevereiro de 2021) retomaram algumas atividades, seguindo os protocolos sanitários, como oficinas de arranjos musicais, canto coral e teoria musical - todos com apoio da Secult. O grupo prepara um repertório novo, com clássicos do chorinho. "O show precisa continuar", diz o regente.

MEU VERSO É MEU QUILOMBO ARDENTE*

A negritude guia o caminho do poeta, professor e produtor cultural Nelson Maca.

POR ALDENORA CAVALCANTE
FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Se o caminho do ativismo e da militância contra as desigualdades políticas, econômicas e sociais é marcado pela resistência e reivindicação de direitos, a arte e a produção cultural se convertem em importante arma nessa batalha. Para Nelson Maca, no caminho traçado pelas palavras não há espaço para dissociar a arte da militância. É na literatura que a luta também se encontra.

"Tudo que faço está dentro do recorte da negritude. É algo que vai além do coletivo cultural e artístico, é também uma entidade do movimento negro, porque não existe arte pela arte para a gente e nem existe militância sem a arte. Nossa arte existe como militância e expressão", aponta. "A minha literatura e a literatura negra são, em si, o movimento. Falar de negritude, beleza negra, falar da revolução, isso já é ser político".

Em sua poesia, Maca, 55 anos, fala da negritude cotidiana, narrativas que dão conta das violências, dores e da luta pela sobrevivência. As palavras formam um manifesto de revolta contra o sofrimento do povo negro, armas quentes que servem de levante e também de acolhimento. "Eu sou produtor cultural de negritude. Meu objetivo é esse: representar mais o negro e trazer mais pessoas negras para os espaços", reforça o produtor cultural independente há mais de trinta anos, poeta e também professor de literatura do ensino superior.

*O título é um verso adaptado da poesia Instinto de Negridade, do livro *Gramática da Ira* (2015).

Foto Leo Ornelas

O envolvimento com a negritude, associado ao seu entendimento como homem negro e às questões que isto envolve, fez com que saísse do interior do Paraná, onde nasceu, para viver em outros locais até morar definitivamente em Salvador. "Eu saí do interior para estudar, não foi por outra coisa. E foi ali pelos 14,15 anos que fui me aproximando da negritude e comecei a participar de coletivos negros e da militância organizada", relembra. "Quando conheci a Bahia enlouqueci, porque vi aqui uma África. A negritude, os orixás, o carnaval, a estética negra, uma população majoritariamente negra, a autoestima. Então foi inevitável: vim morar aqui em 1989, transferi meu curso de Letras e mergulhei", comenta.

Nesse meio tempo, Maca percorreu o caminho da criação e da produção cultural intensa. Dos projetos, podemos citar as performances surgidas no grupo Tamborismo e na banda CandomBlackesia, além do lançamento de três livros: *Gramática da Ira* (2015), *Go Afrika* (2019) e *Relatos da Guerra Preta ou Bahia Baixa Estação* (2020), que levam o selo do Blackitude, coletivo criado

há mais de vinte anos e voltado para produções culturais e outras atividades. "Nós surgimos como um coletivo de hip-hop, com break, grafite, rap. Depois abrimos para outras áreas e passamos a desenvolver atividades de literatura, poesia, cinema, etc", narra. A iniciativa deu forma ao Sarau Bem Black e ao seu envolvimento com outros eventos culturais, como a Balada Literária. "A cidade me acolheu mesmo", conclui.

Com a pandemia, a produção cultural salvou os dias que seguiram carregados de dores e aflições inerentes ao momento caótico. As atividades presenciais foram interrompidas, mas a poesia passou a ser transmitida de modo *on-line*. "Percebemos no início que, mais do que nunca, a arte, a literatura, seriam importantes. Era muito mais do que necessidade. Tínhamos que nos adaptar porque, se essas produções subjetivas parassem, a gente enlouqueceria de vez". Nesse contexto surgiu a Live Exú, anunciada de forma inusitada: um evento na madrugada, às quatro da manhã. "Eu fiz para tirar sarro, provocar, e a galera veio em grupo assistir, conversar, comentar. Continuei fazendo nas semanas seguintes", solta. O nome faz referência ao orixá responsável por abrir caminhos: "é o orixá que vai sempre na contradição, quebrando as estruturas, enfrentando e causando conflitos, e essa era a ideia", acrescenta.

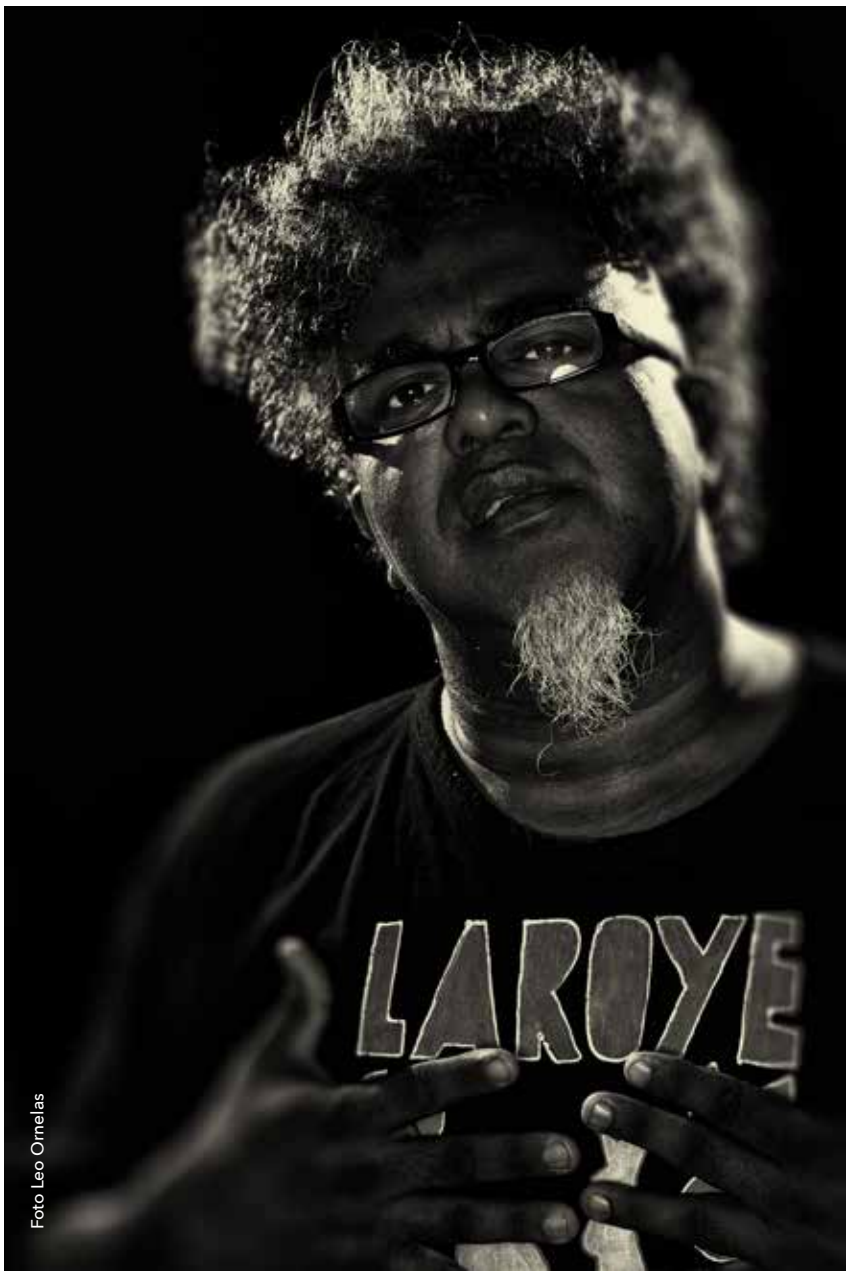


Foto Leo Ornelas

O evento seguiu ao longo de 2020, salvando as madrugadas pandêmicas com conversas, performances e reflexões. Suas atividades foram reduzidas quando outro projeto começou: a Oxalaive. Inspirando-se na estrutura da Live Exú, a Oxalaive passa a acontecer uma vez por semana, realizando entrevistas com convidados e promovendo saraus com diferentes participantes, acontecendo nas tardes de sexta-feira. "É o inverso. Segunda, a Live de Exu é teoricamente a abertura, e a sexta é o fechamento da semana. Um abre e outro fecha. Nós pegamos aquela simbologia de Exú e transformamos em simbologia de Oxalá", explica. "É uma ideia que não se limita à religião africana, no caso o Candomblé. Mas também são elementos da arte, da música e dos ritmos", acrescenta.

Estar atuando como produtor cultural permite a Maca a inserção de mais profissionais e artistas negros, com trabalhos que lidam diretamente com assuntos da negritude. "Quando eu viro o produtor de um evento eu não sou mais um poeta negro procurando espaço no evento: eu sou um poeta negro fazendo a curadoria. Se eu não vir outros negros, aí ninguém vai ver

mais. Eu não posso perder esse compromisso", explica.

Essa é uma constante luta para promover o rompimento de padrões que se tornaram bases seculares da produção literária. "A literatura ocidental é muito canônica. São homens, brancos, adultos, heterossexuais, que seguem uma produção tradicionalmente escrita que se legitima pelo uso da língua padrão. Quem estiver dentro desse cânone é legitimado", critica Maca.

> "A MINHA LITERATURA E A LITERATURA NEGRA SÃO, EM SI, O MOVIMENTO. FALAR DE NEGRITUDE, BELEZA NEGRA, FALAR DA REVOLUÇÃO, ISSO JÁ É SER POLÍTICO

A produção cultural independente abre caminhos para que mais pessoas negras, lgbtqia+ e indígenas possam se inserir dentro do contexto. A escrita periférica, vista como marginal e que engloba as produções negra, feminista e indígena, é inserida em um coletivo identificado por Maca como "literatura divergente". "Esse é um conceito que venho trabalhando. É a literatura que faço e milito", explica. Para o poeta, a literatura divergente vem para romper os cânones. "Comecei a pensar que queria fazer parte de uma literatura que desobedecesse, que não se limitasse apenas a escrita e que não se enquadrasse no padrão dominante", acrescenta.

Assim, a literatura negra funciona também como quilombo, um lugar de identificação, partilha e luta, para romper a lógica excludente dos espaços. "Nós temos que ser a fissura da estrutura, o que vai rachá-la, fazê-la mudar", finaliza Maca.

A BAHIA TEM UM JEITO

Itamar Vieira Junior fala sobre *Torto Arado*, romance que se passa no interior da Bahia e arrematou os principais prêmios literários da atualidade.

POR LUANA SENA
FOTO DIVULGAÇÃO

Belonísia e Bibiana são duas irmãs de uma família de trabalhadores rurais cuja infância é marcada por um fato que as unirá para sempre. O cenário é a Chapada Diamantina, mais precisamente a fictícia Água Negra, simbolizando as comunidades do interior da Bahia. Este é o enredo de *Torto arado* (Todavia, 2019) livro do autor baiano Itamar Vieira Junior, 42, que arrematou os maiores prêmios literários nos últimos dois anos.

O romance acompanha a trajetória de uma família que vive do trabalho na terra – embora não tenha nenhuma direito a ela, a não ser a autorização para fazer morada em casas de barro e plantar roçados, não sem ver os frutos do suor desse trabalho serem confiscados por capatazes a mando dos fazendeiros – estes sim, os verdadeiros donos da terra.

Ao costurar esse enredo, Itamar aborda a crescente conscientização política da comunidade, a ancestralidade da cultura negra e põe em xeque as estruturas de poder que marcam a desigualdade social no país. O surpreendente – ou não – é que, ao abordar uma trama aparentemente regional, o escritor abocanhou elogios da crítica global, que destacou a solidez da construção, o equilíbrio da narrativa e, é claro, a ênfase nas figuras femininas que expressam liberdade mesmo diante da violência exercida sobre seus corpos num contexto dominado pela sociedade patriarcal.

"Eu queria apenas retratar uma realidade que eu conhecia muito bem", diz Itamar em conversa com Revestrés por telefone. "A própria origem do meu pai, que foi criado em uma comunidade no campo. Essas histórias faziam parte da memória afetiva da minha família, eram as histórias que me contavam", continua, sem parecer ter visado a repercussão que a obra teria. O Prêmio LeYa de Romance, o primeiro que arrematou em 2018, seleciona autores lusófonos que concorrem anonimamente a €100 mil e um contrato de publicação com a editora do grupo. Itamar é o segundo brasileiro a levar o prêmio em dez anos (o primeiro foi Murilo Carvalho, com o romance "O rastro do jaguar", em 2008).

Foi surpresa para o escritor, que inscreveu-se com um pseudônimo neutro – os avaliadores não tinham como saber se tratava-se de um escritor ou escritora. A ideia era que o gênero do autor não influenciasse na escolha do júri. "Eu queria que o livro fosse julgado pelos seus méritos, que a história vencesse".

Na sequência vieram os prêmios Oceanos (2020) e Jabuti (2021) e o analista agrário do Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e geógrafo por formação teve que dividir as horas de trabalho pelo interior do Nordeste com os telefonemas para entrevistas e palestras que pipocaram no mundo virtual. "Há mais de dois anos eu falo desse livro sem parar", diz sorrindo ao telefone. E, sem cansar, fala mais um pouco: "Tenho que escrever outro para mudar o assunto".

REVESTRÉS Você ganhou o prêmio LeYa antes da publicação do livro no Brasil. Qual a importância que uma premiação literária tem na vida de um autor?

IVJ O livro foi publicado porque venceu o prêmio LeYa, que é um prêmio de Portugal voltado para a comunidade de língua portuguesa. É tudo muito difícil nesse campo, mas o importante é que eu escrevi sem pensar nos prêmios. Eu só submeti ao prêmio LeYa porque eu não tinha uma editora nem sabia como publicar esse livro - apesar de já ter publicado dois antes, mas foram por editoras pequenas. Aproveitei a oportunidade e enviei. Para mim, foi uma surpresa vencer o Leya e isso sem dúvidas ajudou o livro a ser conhecido e divulgado.

REVESTRÉS Já há alguma proposta para adaptação de *Torto arado* para a TV, cinema ou *streaming*?

IVJ Sim. Já tem um ano, mais ou menos, que os direitos foram vendidos para adaptação, para o diretor Heitor Dhália, de Pernambuco – ele já fez adaptações de obras literárias como "O cheiro do ralo", dirigiu "Serra Pelada" e a série "Arcanjo renegado", que está atualmente na Globo. Mas como é um ano de muitas paralisações e esse setor do audiovisual foi um dos mais afetados, tudo caminha lentamente.

REVESTRÉS Além de escrever, você é geógrafo, pesquisador e servidor público do Incra. A carreira de escritor nunca foi exatamente um plano? Ou tem a ver com as condições que o nosso país dá para o trabalho intelectual?

IVJ Eu acho que as duas coisas. Primeiro eu nunca fui encorajado por meus pais a seguir carreira como artista, principalmente porque eles são pessoas que vieram de uma família simples, queriam que eu fosse pragmático. Acho que quando pensaram que eu seria escritor me estimularam a seguir outros caminhos – embora eles sempre atendessem aos meus desejos, quando podiam, me davam livros. Meu pai chegou a me dar uma máquina de escrever quando eu tinha

> EU QUERIA CONTAR ESSA HISTÓRIA QUE É ATRAVESSADA POR TUDO QUE ACONTECE EM NOSSO PAÍS, PELO RACISMO ESTRUTURAL, PELA VIOLÊNCIA NO CAMPO, PELAS DISPUTAS DE PODER QUE AINDA SÃO TÃO MARCANTES.

11 anos e eu recordo que nem foi algo que eu pedi, mas ganhei dele e de minha mãe de presente.

REVESTRÉS A crítica atribui o sucesso de *Torto Arado* ao fato de ter uma temática universal (a terra). Mas, ao mesmo tempo há particularidades (expressões e costumes) muito regionais. Como foi para você abordar isso sem cair em estereótipos ou reforçar estigmas sobre o Nordeste?

IVJ O que eu queria era contar uma história e para mim essa questão do regional, do regionalismo, não era tocante. Para falar a verdade, eu nem acredito muito nesse termo. Para mim, isso é algo da crítica, da academia, do Sul e Sudeste para nomear tudo aquilo que não é realizado no centro que eles consideram. Eu falo a partir do meu centro e isso para mim estava muito resolvido. Eu nunca considerei que estivesse escrevendo um livro com temática regionalista. Eu queria contar uma história de um país ainda pouco conhecido por muitos, que permitisse imaginar como vive a população do campo até os dias de hoje. Eu acompanho esse debate mas pouco posso ajudar nessa compreensão, a não ser dizendo o que pensei quando escrevi. É claro que o livro é atravessado por questões que a gente pode considerar universais como: o direito à terra, o direito à liberdade, o direito à vida. São temas recorrentes na literatura como um todo, desde sempre. E se tem esses elementos que consideram regionais, nada mais é do que o retrato de uma realidade que existe no nosso país.

REVESTRÉS Como foi para você encarnar as personagens femininas?

IVJ Acho que as mulheres da minha família e as mulheres que encontrei no meu caminho foram inspiração. Para mim, só faria sentido escrever se realmente representasse um desafio. Um desafio como autor de escrever uma história saindo desse meu lugar confortável de homem, classe média, para falar de personagens que vivem histórias hoje distintas da minha. Embora eu possa pensar nos meus antepassados que tinham histórias muito parecidas como essa do romance. Eu preciso sair dessa minha zona de conforto para escrever. Como a literatura é o terreno da liberdade, onde a gente vive a vida do outro, a gente se torna o outro, para mim será sempre um desafio escrever sobre qualquer personagem. Até porque todos eles se afastam, de imediato, da minha vida atual. E, claro, escrever a partir do ponto de vista das personagens mulheres foi um desafio. Eu só tive certeza de que tive êxito quando o livro venceu o prêmio Leya - porque a gente concorre de forma anônima e eu escolhi um pseudônimo neutro, eu não queria que isso influenciasse na decisão. Eu queria que o livro fosse julgado pelos seus méritos, que a história vencesse. E no momento da divulgação, quando o júri deu entrevista, eles revelaram que não sabiam se o livro tinha sido escrito por um homem ou uma mulher. Eles ficaram com a dúvida até o fim e eu achei isso bem interessante porque era o estranhamento que eu queria provocar.

REVESTRÉS É impossível ler o seu livro sem fazer associações com as discussões político-sociais atuais – a luta por direitos, o líder comunitário e a difamação de sua imagem, etc. Foi uma maneira que você achou de tocar nesses assuntos através da ficção?

IVJ Toda literatura por mais fabulosa, criativa, fantástica ou absurda que possa parecer, contadas a partir da perspectiva do absurdo, de coisas que a gente não veria na vida real, serve como metáfora para entender o nosso mundo, os processos que permeiam ele. Eu queria contar essa história que, é claro, é atravessada por tudo que acontece em nosso país, por todas as questões, pelo racismo estrutural, pela violência no campo, pelas disputas de poder que existem e ainda são tão marcantes no nosso país. Inevitavelmente a história é atravessada

por isso tudo também. Durante esses 15 anos que eu trabalho com a população do campo, vi muitas histórias de violência, disputas por território e isso, de alguma forma, eu sei que é muito presente no campo brasileiro. É claro que, como é uma história que faz um recorte de um determinado canto do Brasil, inevitavelmente isso seria contado.

REVESTRÉS Você afirmou em entrevistas que, quanto mais um personagem é complexo, mais ele se aproxima da perfeição. Você acha que esse momento que estamos vivendo do cancelamento e das discussões afloradas na Internet que levam a gente para um lugar maniqueísta, do certo ou errado, do bem ou do mal, do certo ou ruim, acabam refletindo em uma sociedade mais intolerante? Tem a ver com não estarmos mais nos dedicando a entender a complexidade de pessoas e também personagens?

IVJ Eu acho que sim. É o momento que a gente vive no mundo. Esse mundo em rede, esse encontro que as redes sociais proporcionaram terminou colocando questões que são intrinsicamente complexas da humanidade de maneira simplista. Imagine que as pessoas tentam explicar um tema, um assunto, num tweet de 240 caracteres – não sei se é isso, eu não uso Twitter (ele ri). Para você explicar de uma maneira tão condensada, só simplificando. E aí as pessoas foram simplificando demais esse espectro. Acho que esquecem dessa complexidade que todos nós carregamos. Não somos bons nem maus, somos humanos. Acho que a gente precisa recuperar essa dimensão, tentar recuperar tanta coisa que talvez estejamos perdendo… Mas isso também não quer dizer que a gente deva fazer concessões com coisas que marcam a nossa trajetória enquanto sociedade. Não devemos fazer concessões ao racismo, a todas as formas de preconceito – a gente precisa atuar para que isso seja diminuído, mas da mesma forma a gente não pode voltar ao passado para tratar de questões que não estavam na pauta naquele momento e condenar as pessoas por isso. A gente precisa ter a dimensão de que todos erram e de que todos podem se redimir do seu erro. Isso é muito importante.

Eu posso escrever um texto, por exemplo, que eu considere bacana, mas que eu adentre numa discussão que talvez não seja a minha – uma discussão por exemplo sobre os direitos das mulheres. E aí eu posso errar ou falar uma bobagem, mas isso não é motivo para alguém me cancelar. Eu acho que a gente precisa recuperar a capacidade de debate e de se contrapor à ideia do outro discutindo de forma saudável para que isso gere conhecimento. Estamos perdendo um pouco essa capacidade, mas espero que isso seja algo momentâneo.

REVESTRÉS Você também disse que foi muito influenciado pela geração de autores de 30/45. O que você apontaria de especial na literatura dessa época?

IVJ Eu não fiz muitas escolhas de leitura. Eu era apresentado à literatura por meus professores. Eu não convivia em comunidades de leitores. A minha leitura era sempre por intuição ou indicação da escola, naquele formato tradicional do ensino da disciplina e aqueles livros que já eram considerados parte do cânone da nossa literatura. Então foi por isso que eu li esses autores. Hoje eu fico pensando, se eu não tivesse lido tão cedo e se isso me fosse apresentado agora, eu leria com o mesmo interesse. Alguns deles eu volto e releio porque eu gosto de reler para estudar.

REVESTRÉS Aí a gente entra na recente polêmica na internet, onde o Felipe Neto (youtuber) disse que Machado de Assis não deveria ser lido nas escolas…

IVJ Só não podem cancelar o Felipe Neto por isso. (risos)

> “A GENTE PRECISA RECUPERAR A CAPACIDADE DE DEBATE E DE SE CONTRAPOR À IDEIA DO OUTRO DISCUTINDO DE FORMA SAUDÁVEL PARA QUE ISSO GERE CONHECIMENTO.

REVESTRÉS Mas você concorda?

IVJ Eu não concordo com ele. Mas eu acho que também, do jeito que está – só lendo autores consagrados que fazem parte do cânone – a gente limita muito a possibilidade de formação de leitores. Porque são obras que, embora tenham cunho universal e façam parte da história literária, e para mim sejam muito interessantes, são livros que não se esgotam – eu acho que é preciso também intercalar essas leituras com produção contemporânea, para que os alunos não pensem que a literatura é algo histórico, datado e alienado da realidade de hoje. Ele precisa ter contato com tudo. Mas eu li Machado de Assis com 11, 12 anos e não foi por indicação de ninguém. Meus pais não eram leitores, acho que nunca leram Machado. Mas tínhamos uma enciclopédia em casa e eu era um leitor voraz porque não tínhamos muitos livros. Quando eu descobria os autores, eu procurava – era sócio de bibliotecas públicas, da biblioteca da escola. E eu fiz a leitura de quase todos os livros do Machado nessa idade. E se você me perguntar o que eu achei, se eu tinha realmente a idade, o que posso dizer a você é que eu entendia perfeitamente o que ele dizia, eu sabia que se tratava de um tempo, de uma época, e eram histórias cativantes, que me cativaram desde o começo – senão eu não teria lido tantos livros, não só dele como de outros autores como José de Alencar, Eça de Queiroz, enfim. Eu lia esses autores do século XIX com muito interesse, eram livros que realmente eu gostava. E isso não me prejudicou como leitor, pelo contrário. Hoje eu leio mais literatura contemporânea porque eu já fiz muito esse percurso da literatura clássica.

REVESTRÉS Recentemente você também escreveu para a *piauí* (a revista) sobre o racismo na obra de Monteiro Lobato…

IVJ Sim, e para mim também, longe de cancelar o Monteiro Lobato, a gente precisa discutir a obra dele dentro da história desse país. E a literatura dele foi escrita em um

> A LITERATURA DELE (MONTEIRO LOBATO) FOI ESCRITA EM UM TEMPO E ISSO TUDO É IMPORTANTE PARA QUE A GENTE ENTENDA ATÉ OS PROCESSOS DE VIOLÊNCIA PELOS QUAIS O BRASIL PASSOU E AINDA PASSA.

tempo e isso tudo é importante para que a gente entenda até os processos de violência pelos quais o Brasil passou e ainda passa. Às vezes releio livros que li há 15, 20 anos. Volto à leitura de um livro que me marcou muito e já leio a segunda vez estudando o que me capturou, qual a estrutura, como são as personagens. O que tem de tão cativante que me capturou como leitor? E termina que a gente atualiza o que vem sendo debatido no momento. No caso do Monteiro Lobato, é inegável que a obra dele tem passagens e estrutura racista. Mas ele é um homem que não pode ser reduzido simplesmente ao espectro racista – esse era um dado sobre a formação dele, mas ele foi o homem que editou um autor negro que ninguém queria publicar, o Lima Barreto. O Monteiro Lobato também defendeu os interesses do país. Ou seja, é uma personalidade complexa. Longe de censurar o autor, a gente tem que discutir a sua obra. Assim como daqui a 100 anos as pessoas podem discutir obras que estão sendo escritas no nosso tempo trazendo questões que não são relevantes pra gente hoje.

REVESTRÉS Nesse texto pra *piauí,* você também cita que foi importante assumir sua raça como negro-indígena. O que muda depois que você assume essa identidade?

IVJ Isso para mim é uma construção de identidade. Nenhum de nós nasce com uma identidade pronta, a gente vai se identificando ao longo da vida, vai construindo. À medida em que a gente vai conhecendo a nossa própria história, o nosso próprio passado, vamos reconhecendo o nosso lugar na sociedade, e essa identificação vai sendo acrescida. Para mim, a mudança é muito sutil, tá no campo pessoal. Eu não mudo a estrutura racista do país, talvez eu não mude muita coisa – seria muita pretensão minha achar isso, mas eu acho que é um resgate histórico, de vida. Faz mais sentido na minha dimensão pessoal. Talvez os efeitos disso sejam sentidos daqui a algumas gerações, quando meus descendentes ou a minha família, que vai continuar e olhar para trás, dizerem: olha, a partir desse ponto assumimos a nossa história. Mas não tem, agora, grande repercussão social. Acho que está numa dimensão pessoal mesmo.

***** ALERTA DE PERGUNTAS SPOILERS *****

REVESTRÉS Por que a Belonísia não volta pra casa após ficar viúva? Um destino mais comum para as mulheres sertanejas em situação de pobreza…

IVJ Eu acho que ela tinha conquistado a independência dela, a liberdade. Talvez vontade de continuar a vida, de permanecer ali próxima a Maria Cabocla por quem ela tinha um sentimento forte, talvez. Acho que por isso. Tô tentando explicar o que ela fez, mas não sei a medida correta disso.

REVESTRÉS Há uma certa insinuação de uma atração entra Belonísia e Maria Cabocla?

IVJ Pelo que eu conheço da história, há algo que talvez a gente não possa nomear de uma maneira muito específica porque acho que nem elas sabiam ali, de fato. Imagine para uma mulher camponesa, que vive numa sociedade extremamente rígida, machista e patriarcal, cultivar esse sentimento? Elas só sentiam. Mas há, sim, um sentimento que vai além da solidariedade, da amizade. Há um afeto importante entre elas. Outros leitores já fizeram essa associação também, até o pessoal fala… uma fanfic? (risos) Tem que ter uma continuação só com a Belonísia e a Maria Cabocla!

É TEMPO DE CUIDAR

DOE E AJUDE A SALVAR VIDAS

O combate à covid-19 depende de gestão pública, da ação de profissionais da saúde e de vacina. Combater a fome causada pela pandemia do novo coronavírus só depende de um gesto seu: solidariedade.

Ação Solidária da Igreja com apoio do Governo do Piauí

Dirija-se à paróquia mais perto da sua casa e doe:

Cestas básicas • Alimentos não-perecíveis • Produtos de higiene

OUTRAS DOAÇÕES: BANCO DO BRASIL, AGÊNCIA: 3219-0, CONTA 10.497-3, **CÁRITAS BRASILEIRA REGIONAL DO PIAUÍ**, CNPJ: 336.544.190.007-01 • PIX: 336544190007-01

É tempo de cuidar

REALIZAÇÃO

Fórum Regional de Pastoral Social Sul

CÁRITAS BRASILEIRA REGIONAL PIAUÍ

CNBB Regional NE 4

APOIO

PIAUÍ GOVERNO DO DESENVOLVIMENTO

Piauí GOVERNO DO ESTADO

O Governo do Piauí segue trabalhando para superar os grandes desafios de 2021

Em 2020, o Piauí adotou o princípio da eficiência, da transparência e da participação como políticas de Governo e base para o equilíbrio fiscal contra os efeitos da crise sanitária. E foi pelo equilíbrio fiscal que o Governo do Piauí conseguiu seguir em frente, atravessar um dos momentos mais delicados da sua história, vencer os grandes desafios e atender as demandas da população.

Em 2021, o Piauí se mantém de pé, lutando para superar a crise econômica, social e, essencialmente, humana, em decorrência da pandemia. Estamos otimistas quanto ao avanço na produção da quantidade necessária de vacinas para, em breve, conseguirmos vencer o vírus que invadiu nossas vidas, levou parentes, amigos e pessoas próximas.

Mas não levou a nossa esperança.

E o Governo do Piauí segue trabalhando para superar os grandes desafios de 2021.

PROPIAUÍ PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL | PIAUÍ GOVERNO DO DESENVOLVIMENTO | Piauí GOVERNO DO ESTADO

/governodopiaui piaui.pi.gov.br www @governodopi /governodopiaui /governodopiaui

COMIDA É POLÍTICA

Opostos à ideia de moda ou tendência, jovens apresentam o veganismo popular como vertente que luta pelo fim da exploração animal, alimentação saudável e acessível com justiça social.

POR OHANA LUIZE
FOTOS REDES SOCIAIS

Apesar de insistentes vozes a negar, são fatos as mudanças climáticas e os desastres naturais. A conta não fecha entre a capacidade humana de produção em relação à distribuição de produtos básicos, como os destinados à alimentação. Mas o que isso tem a ver com o pão nosso de cada dia chegando à mesa? Ou essa seção de Revestrés não é mais gastronomia? Talvez o questionamento correto seja: como comida e política precisam ser cada vez mais misturadas em nossos pratos? É como nos provocam os adeptos do movimento vegano, mais precisamente os do veganismo popular.

Caso você não conheça o movimento vegano, corra, pois está em atraso. O termo surge em 1944 na Inglaterra, do inglês *vegan*, e passa a figurar nas bandeiras das juventudes revolucionárias da década de 1960 com força, com o dia 1º de novembro se tornando o Dia Mundial Vegano. O eixo principal, desde o nascimento, é a luta contra a exploração dos animais – e violência – para qualquer finalidade. No Brasil, para se ter uma ideia de como crescem os adeptos do veganismo, uma pesquisa realizada em 2018 pelo Ibope revelou que 14% da população se declara vegetariana. Importante destacar que o termo vegetarianismo pode ser confundido com veganismo. Simplificando, o veganismo vai além e pauta uma negativa ao consumo de alimentos e outros produtos de origem animal, como roupas e cosméticos. Ao tornar-se um movimento, uma ética de vida, o veganismo ganha pluralidade e as vertentes surgem abordando questões políticas em diversos tons.

Um acidente ocorrido no Rodoanel de São Paulo, em 2015, foi o início da virada de Eduardo Santos para o veganismo. Ex-funcionário de uma das maiores redes de *fast food* (Mcdonald 's) do mundo, percebeu que os porcos – que eram o carregamento do veículo tombado – sofriam, sentiam dores, sentiam medo. "Nas redes sociais de ativistas vi que uma delas tinha escrito na camiseta a frase 'leite é crueldade'. Tudo me levou a pensar que aqueles animais precisavam de uma chance de viver". Foram oito meses até que ele pudesse compreender melhor o funcionamento das indústrias, das testagens, de toda a cadeia produtiva até o consumo.

Mesmo com pouca informação e sem nenhum exemplo vegano na família de origem humilde, da região periférica de Campinas, interior de São Paulo, Eduardo conta que passou um ano se alimentando exclusivamente de arroz, feijão, couve e suco de laranja. "Não sabia direito o que estava fazendo, não sabia o que botar no prato. Assistia vídeos, pesquisava, lia e aí comprava o suficiente para não passar fome. Eu consumia uma quantidade grande de comida". Ele afirma que, mesmo com a dieta mais restritiva no início, tudo ia bem com a saúde.

Irmãos Leonardo e Eduardo Santos durante participação no Festival Vitalize que reuniu veganos de diversos países em fevereiro de 2020.

> DEVEMOS DIZER PARA AS PESSOAS QUE ELAS NÃO PRECISAM COMER SALSICHA, QUE PODEM COMER OUTRAS COISAS, FAZER UMA TRANSIÇÃO MAIS CONSCIENTE, MAIS SAUDÁVEL.
>
> EDUARDO SANTOS

Durante a transição de Eduardo, Leonardo Santos via o movimento com certo preconceito, distante da sua realidade social e financeira. A virada ocorreu repentinamente, de maneira, para ele, definitiva. "Um dia eu decidi me tornar vegano. Fui dormir onívoro e acordei vegano, e a partir daí nunca mais coloquei nada de origem animal para dentro do meu corpo. Passei a ser ativo, lutar pelos direitos dos animais junto com o Du", conta.

Os primeiros questionamentos de Leonardo eram sobre a ausência de alimentos industrializados nos mercados do bairro Itajaí, em Campinas, além de considerar a linguagem dos veganos inacessível aos moradores de periferia, chegando apenas para pessoas de classe média ou com alguma formação acadêmica.

"Quando me tornei vegano, trabalhava de garçom e via as pessoas falando que ser vegano era caro. Hoje posso dizer que a base teórica que construímos veio de muita prática, participações em eventos, de reunir com pessoas e mostrar que, na essência, o veganismo é prático, simples e objetivo". Leonardo completa com um exemplo. "É preciso perguntar: por que, ao invés de comprar uma caixa de leite por R$20,00, você não pode fazer leite de aveia, em que um litro sai por R$ 0,80 centavos? ".

Eduardo e Leonardo Santos são irmãos gêmeos. Juntos eles administram no Instagram o perfil no Vegano Periférico, com mais de 357 mil seguidores, além de um site e um documentário divulgado gratuitamente.

Em Teresina, quem segue o veganismo popular é Natanael Silva. Para ele, é um encaixe perfeito para um estilo de vida minimalista e dentro de sua condição financeira. É assim que percebe o veganismo, e diz que consegue provar como este pode ser acessível. Natanael busca dar visibilidade para a causa na capital piauiense desde a primeira postagem, em 2019, no perfil O Vegano da Vila, marcando seu local de moradia, a Vila da Paz, em região periférica da zona sul da cidade.

Tudo começou quando Natanael tentava ajudar a ex-namorada, cozinhando comidas veganas. "Depois criei o perfil no Instagram para mostrar que o veganismo é simples. Temos poucas referências de pessoas pretas, pobres e que seguem um estilo de vida assim, por isso é complicado atingir as camadas populares. O perfil no Instagram tem essa finalidade, mostrar que a alimentação vegana é possível para um periférico", afirma Natanael, enfático ao declarar sua opção pelo comunismo, que o impulsiona também na atuação em movimentos sociais.

Natanael escolheu essa fotografia registrada em Sobral – CE como apresentação do perfil onde declara "espero que seja útil para o povo da chapada do corisco".

É POSSÍVEL

Mas como esses jovens provam suas bandeiras? Na divulgação do veganismo popular, eles apostam em receitas simples, com aproveitamento de alimentos de consumo fácil, dicas promocionais, indicações de frutas e verduras de época. O ponto mais difícil das receitas só depende do "*eu chef*" vegano em cada pessoa, e isso está mais na criatividade que em grande investimento nos ingredientes.

Nos registros fotográficos, muitas cores e sabores: tomate, alface, batata, repolho, feijão, beterraba, cenoura, melancia, mamão, abóbora, banana, farinhas e grãos. E, em relação aos fornecedores, a principal dica é comprar do pequeno produtor, dos mercadinhos locais, dos assentamentos, da agricultura familiar, das feiras ou investir em produção caseira, sempre que possível.

"Quando cheguei em um restaurante vegano de Campinas, elitizado, me deparei com pessoas consumindo, os donos, e as únicas pessoas com as quais senti empatia foram os funcionários. Eles não eram vegetarianos ou veganos. As pessoas brancas, de classe média, estavam propagando veganismo com camisetas escritas em inglês, um hambúrguer custando R$ 22,00. Era um mundo completamente diferente do que eu vivia". Após esse momento, conta Eduardo, veio seu primeiro texto para as redes sociais. Ao entrar no ônibus para casa, pegou o celular e escreveu refletindo seu mal-estar, lembrando que aquela cena o fez pensar que o veganismo, daquela forma, não chegaria para seus amigos da periferia, nos jovens negros, em quem cresceu ao seu lado. Foi um desabafo.

Em 2020, os irmãos Santos protagonizaram um documentário produzido de forma independente, com a direção de Rauany Nunes. A distribuição tem apoio do Mídia Ninja, em parceria com o Xepa Ativismo, e pode ser assistido pelo YouTube e no Instagram Vegano Periférico. Logo na cena inicial, os gêmeos aparecem lendo sobre Marx, organização do trabalho e lucro. Enquanto preparam uma refeição, discutem a relação entre machismo, homofobia e consumo de carne.

"Tem documentário que fala de dieta, com especialistas, bons registros. Mas o Rauany achou relevante mostrar dessa forma, com vida real, pessoas pegando ônibus. Para nós, o maior retorno é o impacto para a causa, pois a gente acredita no que faz", diz Leonardo. O filme estreou em 1º de novembro de 2020, e acumulava 90.570 visualizações no YouTube até a finalização desta edição.

Um vegano popular deve entender que sua relação com a alimentação faz parte do seu lugar no mundo, onde isso não se trata de opção, mas de um curso natural de pertencimento. "É na consciência que as pessoas vão entender que empresas exploram animais, exploram pessoas. Há necessidade de informação, pois esse veganismo elitista faz uma propagação gigantesca de produtos, mas sem recorte nenhum de classe. Devemos dizer para as pessoas que elas não precisam comer salsicha, que podem

comer outras coisas, fazer uma transição mais consciente, mais saudável", defende Eduardo Santos.

Usando como exemplo levantamento feito pela organização WWF, Leonardo expõe a preocupação de que mais de 79% da soja no mundo são destinados à produção de ração para animais, além dos problemas ambientais relacionados ao uso da terra. Ele ainda relaciona o consumo de carne ao desmatamento da Amazônia, e fala também da falta de incentivo aos produtores comunitários.

Natanael Silva acredita que "devemos tocar uma luta coletiva e nos organizar em nossos locais de atuação, seja em partidos políticos, sindicatos, associações de moradores, coletivos do movimento estudantil e afins. Se o veganismo é popular, ele tem que atender as necessidades das camadas populares". Ele reforça a visão sobre um veganismo popular contra o capitalismo, lutando por soberania alimentar e associado a causas contrárias às opressões de gênero, desigualdade social, preconceito, racismo, o especismo. E, claro, contra a fome.

> "É COMPLICADO SER PERIFÉRICO E SE IMAGINAR LEVANDO UMA VIDA ASSIM, E O PERFIL NO INSTAGRAM TEM ESSA FINALIDADE TAMBÉM, DE MOSTRAR QUE UMA ALIMENTAÇÃO VEGANA É POSSÍVEL PARA UM PERIFÉRICO, MAIS BARATO E MAIS EFICAZ. NATANAEL SILVA

PEIXE VORAZ
POR LEO GALVÃO
@galvaoleo

Modelo Vivi Orth sendo maquiada no backstage da Ellus no SPFW, junho de 2009.

Fila da TNG na temporada de outono-inverno no Fashion Rio, janeiro de 2011.

STRIKE A POSE

Fervido, estudioso, atento, sonhador. Adjetivos não faltam para falar sobre Irakerly Filho (@irakerly), multitalento made in Piauí - que já foi ou ainda é – fotógrafo, jornalista, artista e que agora vai ter um livro para chamar de seu. Um não, dois! Depois de longas temporadas fotografando modelos, estilistas, celebridades e os backstages das principais semanas de moda do país, como o SPFW e Fashion Rio e um twist pela Semana de Moda de Paris, o garoto de 30 anos resolveu compilar todas essas fotos em um livro - ainda com o título provisório - **"Visto por Irakerly"** e documentar a história da moda no Brasil sob o seu olhar entre 2009-2014. Como a festa não pode parar, ele volta às suas origens como fotógrafo de noite (onde sempre teve o passe livre!) e apresenta no **"I love the Nightlife"** registros inéditos da noite mafrense com figuras icônicas, do grand monde ao underground, em festas como Rock da House, Mosh Party, Devassa e a mais recente Stouradas. Quem tiver registro dele, agradeça. Quem não tiver, agora só na outra década, quem sabe.

MENINO DE OURO

Thiago Furtado (@thiago.o.furtado) é campeão dos campeões. Enquanto escrevo essa coluna, ele conseguiu finalizar três curtas-metragem e um longa-metragem - durante a pandemia. Respira e vem comigo: Finalizou "A Cigana", que conta a história de Benicio Bem e tem estreia para 2022; encerrou as gravações do curta em documentário "Curica", sobre trabalho infantil doméstico análogo à escravidão e também "Água para Gregório" que fala de fé e do justiçamento. Como se não fosse o bastante, está na ilha de edição com o curta-metragem "Hortelã", que aborda diferenças sociais e afeto e tem temática LGBT. Italo Damasceno faz dupla com Furtado no roteiro. Edite Rosa (sim, olha ela aqui!), Silmara Silva, Zé Reis e Nilton Barbosa estão no elenco do filme que deve estrear no circuito de festivais nacionais e internacionais ainda em 2021.

Foto: Thiago Furtad
Cards: Gustavo Hackaq (@hackaq)

CHUVA DE LIKES

Em tempos de pandemia, sem a bilheteria e aglomeração dos shows, os números que estão nos deixando (muito) felizes são os...cliques. A Validuaté (@validuateoficial), banda piauiense mais nacional que eu conheço, acumula 13 mil inscritos no seu canal no YouTube, 29 mil seguidores no Instagram e foi ouvida mais de 450 mil vezes em 2020 – apenas no Spotify. A banda Bia e os Becks (@biaeosbecks), atingiu a marca de 28 mil visualizações. "Paraíso", clipe mais recente da banda, dirigido por Tássia Araújo (@tassiaszaraujo), "O público se identificou com o clipe, se reconheceu na letra da música, teve sinceridade, ficou orgulhoso, de um produto piauiense de altíssima qualidade. Foi muito especial esse trabalho", conta a diretora. "Não vão nos calar" é o hit-ativista de Monise Borges (@moniseborgesoficial) que, com sua mensagem, já tornou o clipe da música visto mais de 15 mil vezes. Com 40 mil ouvintes mensais, o piauiense Flavio Stambowsky (@flavio_stambowsky) está em várias playlists nacionais do Spotify. A música "Feira Moderna", versão que faz duo com o cantor Paulo Ricardo (@pauloricardo), já obteve mais de 54 mil streamings. "Luzeiros" alcançou 25 mil downloads e o disco já ganhou o Brasil. "Estamos no Sul, alguns estados do Norte, Rio de Janeiro e São Paulo", comemora o cantor.

MARIA GABRIELA ANDRADE É A NOSSA CONVIDADA QUE ILUSTRA ESSA EDIÇÃO - @MARIAGABRIELA_A - CONHEÇA, DIVULGUE E INCENTIVE O TRABALHO DA ARTISTA.

RAÚL ANTELO OU *A POESIA [AINDA] NÃO PENSA*

Em 2016 Raúl Antelo, professor de literatura brasileira e crítico cultural, argentino-brasileño, este limiar, projeta mais um livro, A máquina a-filológica [EdUERJ/Faperj], que finalmente será publicado neste ano ruim a todos os lados, 2021, como um vento inoperoso, *hexis*, a vida em potência: "a possibilidade de seu não exercício". No conjunto de ensaios o que se tem é a articulação improvável, como sempre, que Raúl vem montando e remontando há alguns anos em seus textos e livros, num jogo de vozes e séries, sempre imprevistas, em torno de questões que tensionam um pensamento acerca da modernidade, a vida moderna, e não apenas a arte moderna, entre distinção e arremesso à América Latina. É a tentativa deliberada e anacrônica de ler o presente, o tempo inteiro, numa sobreposição de superfícies e expandindo sentidos e possibilidades, quando a experiência ainda é o *lance de dados que não pode abolir o lance de dados*, lançando-a também num jogo de *interfícies*.

Este último conceito, o de *interfície*, que diz muito de uma ideia de Walter Benjamin, por exemplo, a de que a história é uma sucessão de catástrofes ou do pequeno mundo das coisas, aparece na esferologia do pensamento de Raúl quando se apropria, incorpora e amplia a ideia imaginando-a [e aí está o *ponto de insurgência*, uma política radical *da* e *com* a imaginação] sugerindo assim uma modulação e um esgotamento, para reagir engendrando o que toma, pois, como "uma máquina a-filológica": a história advém numa imaterialidade da literatura e da arte e não a literatura e a arte em mais uma materialidade da história. Ou seja, a política inoperosa da imaginação como dispêndio num procedimento *arquifilológico*: dispor e colocar em contato dados distantes, por sua vez, não-aparentados, para que se produza um choque entre eles [vínculo e anterioridade, mas não intimidade] e nunca uma história autoconsciente. Relato desfocado e deslocado, *fora de si*. A linguagem se esquece de si mesma, ou seja, remover esses dados a partir de memórias inaparentes e séries heterogêneas.

O pensamento e o procedimento de Raúl Antelo são, singularmente, arejamentos intermitentes e contrapontos àquilo que, numa naturalidade mímica, costuma-se ler e ver também como um "ponto real" num imenso conjunto imediato e raso de teorias afásicas de aporte centralizador, nacionalizantes e "fronteiriças", de grupo, servidão ou repetição sem diferimento: quase sempre formas-formadas, estruturas-estruturadas; quase nunca *formas-formantes*, estruturas-estruturantes. E essa singularidade do que lança aparece – como deriva, salto, saliência, contato, contágio, contaminação, disrupção extensiva [*disruptio*] etc. – na extremidade dialética e oscilante do *limiar*. Assim, por exemplo, na proposição interrogativa e sem necessidade alguma de resposta: "*como, com a crítica, criar vida?*". A luta impossível com a vida, e não apenas com uma sobrevivência, para deixar [repare-se: *deixar*, nunca *manter* ou *precisar manter*] as perguntas ativas e não encontrar meras respostas ajustadas; expor-se àquilo que não cessa de dizer

com uma mínima força [a dos fracos] que possa, de todos modos, não cessar de dizer também. *Deixar* implica um gesto, uma remoção: *como destruir a destruição?*, um corte, um engendramento, potência e a impotência de dizer. Daí que persiga, sobremaneira, a arquifilologia: um enfrentamento aos impasses da formalização, ou seja, o real. O que Alain Badiou já pensara ao dizer que "o real é o impasse da formalização, o ponto do impossível de formalizar". Raúl, por sua vez, imagina, como política, depois como lição, aula, seguindo outra vez Benjamin, "ler o que nunca foi escrito", tocar o impossível do pensamento porque o impossível solicita existir, porque o impossível existe.

Num ensaio publicado em **Ausências**, seu livro de 2009 [Editora da Casa], "*Sentido, paisagem, espaçamento*", ele anota um reverso explícito e generoso que, de alguma maneira, convoca às perguntas deixadas, abertas, acerca do desenho da modernidade latino americana, por vezes autocentrado na dicotomia simplista entre centro e periferia, lei e força de lei, poder e contra poder, violência e contra violência, golpe e contragolpe etc. E aí, remove a cena da "desregulação regrada" e acena que Mário de Andrade enganou-se: "A Patagônia é um significante vazio. 'Il ne s´agit pas de pauvreté mais d´abscence' – observa Caillois. A Patagônia, local não de pobreza mas de ausência, é o espaço do sem-sentido. *Absence, ab-sens*. Mas é essa carência, precisamente, que abre a possibilidade de refletir sobre o sentido. Sabemos que, para que haja sentido, deve haver série, uma vez que o sentido não é imanente a um objeto, mas fruto de articulações no interior de uma série de discursos. Mas, mesmo separado do objeto, o sentido é igualmente

Foto Sebastián Freire

"

A IDEIA MAIS RADICAL DE RAÚL É DEVOLVER O PENSAMENTO AO PENSAMENTO, OU SEJA, À SUA ILEGIBILIDADE, QUE É DE ONDE ELE PROVÉM, TAL COMO O POEMA. QUANDO O PENSAMENTO AINDA NÃO PENSA, MAS EXISTE EM POTÊNCIA; QUANDO O PENSAMENTO AINDA PODE PENSAR O IMPOSSÍVEL QUE É.

exterior à consciência do intérprete, para o qual o sentido sempre se impõe por acaso e coação. A palavra, portanto, não dispõe, a rigor, de uma forma ou valor específicos mas ela é dotada de uma força, de uma potência de disseminação e proliferação próprias. Melhor dizendo, o nome nada vale por si, isolado, mas tão somente por sua combinação. Todo nome é, em última instancia, um *tropo*, uma figura e, assim sendo, vários teóricos, não só Paul de Man ou Derrida, mas também Ernesto Laclau, vão extrair dessa equação consequências políticas da maior relevância. Tomemos a equação que iguala Patagônia e vazio. Mário de Andrade chegou a dizer que 'não existe para o argentino o problema patagônico que nem mesmo existe para a gente o problema amazônico'. Enganou-se. Assim como não existe unidade sem zero, da mesma forma, argumentará Laclau, o zero sempre aparece na forma do um, do singular. Em outras palavras, o nome é o tropo do zero mas o zero, na verdade, é sem nome, já que ele não pode ser nomeado. Essa soberana acefalidade da Patagônia nos ilustra que ela, da fato, é heterogênea com relação à ordem dos espaços, notadamente, a do espaço primordial da lei, do nome, do Estado. Porém, a série do nome e do *nomos* não poderia se constituir enquanto tal sem referência a esse vazio originário. Ele é um suplemento ao sistema nacional-estatal que, entretanto, é estrutural a ele. Em relação ao sistema, o vazio patagônico, sua falta de história, encontra-se em situação de indecibilidade, numa posição sublime, de inclusão, mas também, simultaneamente, de exclusão. Ela faz parte da geografia mas é na história que se lhe compreende a configuração. Ele se integra à nação mas, ao mesmo tempo, é inerente ao espaço internacional, ora pela exploração, ora pelo turismo."

O que se entende é que sem o fio a marionete está livre e, assim, pensa. O pensamento livre se estende numa espiral, até o infinito. Ou como disse Blanchot: treme. O que Raúl postula, e lembra, o tempo inteiro, diante dessa liberdade, é que todo fazer é sujo, logo, é rascunho, esboço, garatuja: "o isto já é um não-isto". E que entre voar e não voar, como a flecha que voa por não voar, a contrapelo, é que estamos constantemente diante da luta de classes, agora também luta das imagens, ou seja, o confronto é entre liberdade e servidão. Ou, como disse mais recentemente, em 2019, numa conferência no Rio de Janeiro, na Fundação Casa de Rui Barbosa, que neste país a questão tem sido e é, agora, mais do que nunca, entre liberdade e dignidade. O que se confirma, dia a dia, passo a passo, no buraco sem esperança a que milhares de corpos mortos nos remetem cotidianamente. O pensamento que Raúl Antelo se esforça para elaborar – acefálico e anacrônico, quando o nome não tem nome – se dispara para longe de toda monumentalização monopolizadora, daí que Duchamp, *infraleve*, quando aparece mesmo é ao lado de Maria Martins, e nos trópicos; ou Sylvio da Cunha, que escrevera uma pequena história da fotografia concomitante à de Benjamin e, pasme-se, girando os mesmos e outros sentidos; depois, mais poucos exemplos numa infinidade desmedida, Victor Delhez ou Jacques Maritain, a obnubilação de Araripe Jr., Héctor Alvarez Murena e Carl Eisntein, Ramon Gomez de La Serna e Juan Ramón Jiménez, Lamborghini e Arturo Carrera, Cesar Vallejo e "el analfabeto a quién escribo" etc.

A ideia mais radical de Raúl é devolver o pensamento ao pensamento, ou seja, à sua ilegibilidade, que é de onde ele provém, tal como o poema. Quando o pensamento ainda não pensa, mas existe em potência; quando o pensamento ainda pode pensar o impossível que é. Daí que uma imagem de Walter Benjamin reabra essa alteração ao modo de Marx, quando o homem pode alterar sua natureza para alterar a natureza: *há livros sobre a mesa, a mesa é alta demais*. Se o pensamento de Raúl Antelo é a aposta numa retratação, como queria Santo Agostinho, a imagem de Walter Benjamin dispõe um percurso em que a própria ideia de máquina, como mapa e modelo, se engana, se desmonta e se quebra por completo, por isso a-filológica: um pensamento um pouco mais ameaçador para intervir na história. O extremo da *crítica com a vida* não é que se suba ao tampo da mesa alta para reafirmar toda e qualquer hierarquia; mas espatifar a mesa para dispor também, no jogo intenso da queda, todos os livros no chão à altura do abjeto. O pensamento a uma exigência, a uma emergência; deixar o centro vazio ou, no mínimo, disponível: desmontar severamente a metafísica da presença. O que o mar apreende do canavial, o que o canavial apreende do mar, o que o mar se ensina do canavial, o que o canavial se ensina do mar: ler o óbvio ainda não é pensar. Ler *torto* como *torso* ou que *torto* é um contrário a *adestramento* é só capitular, sem demora, numa conformação corriqueira: palavras de ordem, quando a atenção deixa de ser a atenção que se faz porque, diz Blanchot, o torso só se realiza quando se lhes corta a cabeça. Ler, como sugere Raúl Antelo relendo Carrera, é correr o risco de imaginar que ao enfiar a mão no bolso cheio de merda há ali pequenas moedas falsas que podem nos valer uma vida: contra o tempo, contra o contemporâneo imediato e diante do presente que não é senão uma "nave del aire".

ARMAZÉM Paraíba

MONTÃO DE MOTIVOS

para você fazer um bom negócio!

No Paraíba, tem atendimento amigo, atencioso... e rapidinho você compra produtos de grandes marcas. E o melhor são as facilidades de pagamento: crediário próprio, cartões, parcelinhas e as promoções.

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e confira nosso Catálogo Paraíba no Google Play

@armazemparaiba

SUCESSO

EU QUE FIZ
POR FÁBIO CRAZY

Foto: Alexander Galvão

Era 1998 no Brasil. Fernando Henrique era presidente em um governo de centro-direita. Em Teresina, o baculejo da polícia era tão violento quanto o de hoje, e um falso ostracismo cultural contrastava com iminentes manifestações artísticas cuspidas do underground da cidade. Somadas ao calor, cultivava perfeito ambiente para a eclosão do Narguilé Hidromecânico.

Desde seu início, a filosofia da banda foi pautada sob a égide do anarquismo prático: no repertório, no palco, na entrevista, onde fosse! Não poderia ser diferente com o álbum de estreia, nascido no fluxo das leis de Murphy, produzido por Beto Villares, através do antropólogo Hermano Viana. Um registro de ensaio em que foram debulhadas com fúria, potência, cinismo e deboche, dez canções das quais muitas viraram hits clássicos: Maluco Regulão, Forró do Molambo, In Memoriam, Saint Chá.

Apesar de cru e visceral, o álbum foi realizado com muito esmero e rigor, e havia uma enorme potência coletiva empurrando-o conosco para a existência: aqueles que estavam envolvidos diretamente na feitura do disco, e aqueles que acompanhavam os incendiários concertinhos de boteco.

O álbum foi lançado pela Barulho Discos. Naquele mesmo ano, venderia no Nordeste mais do que o também recém lançado *Sozinho,* de Caetano Veloso. Um grande feito para uma banda de quatro punks delinquentes o que misturavam que fosse a uma música pautada por farras hedonistas, pulsões de vida e morte, confissões criminais, cultura canábica, amor livre, celebração do ócio poético, e, sobretudo, desprezo por tudo que fosse contra a liberdade.

FICHA TÉCNICA

Gravado ao vivo na Texto & Música, com estúdio móvel do projeto Música do Brasil, produzido por Beto Vilares

Produção Executiva por Bernardo Paulo

Design Gráfico por Marleide Lins

Fábio Crazy - vocal

Nando Chá - guitarra

Júnior B - baixo

Cláudio Hammer - bateria

SUCESSO FOTO-DESK

O TERESINA ESTÁ ON!

O Teresina Shopping está mais On do que nunca.

Com o app do Teresina, você compra online, recebe por delivery ou drive-thru, na maior facilidade, e ainda fica por dentro das promoções exclusivas e cupons de desconto disponíveis na plataforma. É possível também pagar o estacionamento de maneira rápida, segura e sem filas.

Teresina Shopping está On para você fazer tudo sem sair casa, com toda segurança e comodidade.

Baixe o app

FICÇÃO
NÉLIDA PIÑON

33

Como português, neto de Vicente, não tenho futuro. Encerrado na água-furtada de São Jorge, indago se teria sido no passado um navegante ou um poeta que mesmo sem o dom da escrita, semeara em torno palavras incandescentes, todas sem dono.

Sob o abrigo da imaginação, que é minha morada, percorro as vielas pisadas pelos miseráveis que me antecederam em Lisboa. Em frangalhos, eles, como eu, lusos anônimos que morreram sem deixar pistas, e apiedo-me. Nestes momentos consola-me ter lido de forma quase desumana o poeta maior da língua, sob a vigília do professor Vasco, que não sei se ainda vive, a quem nunca paguei tributo por me ter ofertado Camões e o Infante D. Henrique.

O poema interminável de Camões que encerra nossa história, apontado pelo professor como salvador da pátria, infernizou-me no início. Segundo o mestre, havia da parte do vate o deliberado propósito de erigir um inexpugnável muro em torno com o propósito de ser galgado e vencido com garra e então chorar. Graças ao Infante ter confirmado a grandeza das aventuras marítimas, o poema de Camões poupou-me do sacrilégio de odiá-lo. Isso constato nos dias de agora, e mais tarde, o significado de ser parte desta lamurienta humanidade.

À noite, ora jovem e ora velho, forçado pelos anos, gostava de esticar o corpo no colchão e apagar os indícios da vida. Como fosse, eu trazia o estigma do vencido, ciente, no entanto, de ter salvo do naufrágio o longo poema da lavra de Camões que não escrevi. Esquecido ele de resgatar da morte a escrava Bárbara.

Releguei, como ele, as mulheres à perdição. Em prol de *Os Lusíadas* prestes a ser concluído, deveria ela ter sobrevivido. Logo quando estava o poeta a embarcar em uma viagem que o levaria alhures, até ocorrer o naufrágio. Mas como ele, ao salvar-se e deixar Bárbara sucumbir, também terei eu feito ao longo da vida as escolhas corretas, privei-me de critério moral?

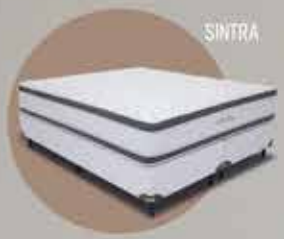
Fui débil sempre, uma franqueza vinda da mãe que me odiava. Não tenho, porém, como redimir-me. Salvar a mim e a Bárbara. Sem troféu, pois, sigo para o inferno. Nada sou além de mim mesmo. Caso em meio a um surto proclame ser Camões, nada roube dele. É um direito conferido a qualquer português. Quem nasceu onde seja desta terra ganhou do Poeta um certificado de senhor da língua.

Com certo rasgo de euforia, eu amanhecia no mercado à procura de trabalho, pronto a oferecer o corpo jovem. Extraía então as escamas, as guelras, as vísceras dos peixes que, antes de serem colhidos pelas redes, debateram-se agônicos em nobre batalha. E tão briosos foram que mereciam ser inscritos nos frontispícios da história. Я

Fragmento 33 do romance *Um dia chegarei a Sagres* (Record, 2020), de Nélida Piñon.

acesse: colchaoonix.com.br

Quem descansa no Colchão Onix, tem mais disposição e saúde para encarar o dia a dia.



COLCHÃO Onix® ISO

colchaoonix

Av. Pedro Freitas, 4000, Tabuleta
CEP: 64019-734 - Teresina - PI

VENDAS: 86 3131.6300 3131.6427 (FAX)
E-mail: vendas@socimol.com.br

AS 10 DICAS
POR MILENA ROCHA
FOTO AUTORRETRATO

1. UMA VIAGEM

Os dias na imensidão do Rio Negro - São Gabriel da Cachoeira (AM)

2. UMA CONTA NO INSTAGRAM PARA SEGUIR

@moreirasafira - Safira Moreira

3. UM FILME QUE VIU MIL VEZES

Viajo porque preciso, volto porque te amo (versão com AD).

4. UM MOMENTO QUE NENHUMA CÂMERA REGISTROU

Chico Moreno, meu bisavô, aguando o quintal.

5. CANCELADO

~~O cancelamento precisa ser cancelado~~.

6. SER MULHER É

Ter coragem para partIR todo dia,ainda que o medo te visite, costurANDO o mundo com falatórios ancestrais que se desdobram em vivências de cura.

7. UM "DICUMÊ"

Arroz com fava e pequi + farofa de cuscuz.

8. O MELHOR LUGAR DO MUNDO

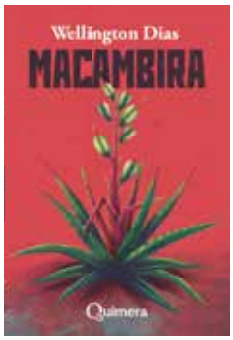
Rio São Nicolau - Lavando roupas , banhando e papeando por horas com minha mãe.

9. UM DOS SENTIDOS

Tato

10. PARA OUVIR PEDALANDO

Luana Flores feat Jéssica Caitano - REZA



LIVRO

MACAMBIRA

WELLINGTON DIAS
QUIMERA

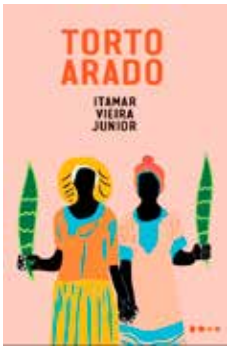
A editora Quimera lançou a nova edição do livro Macambira, de Wellington Dias. Publicado pela primeira vez em 1995 e já premiado, o livro recebe agora novo projeto gráfico, com assinatura de Alcides Júnior (Área de Criação) e ilustrações de Irineu Santiago. *Macambira* tem texto de apresentação do jornalista e escritor Xico Sá, e traz, em contos, histórias do cotidiano da gente piauiense durante períodos de seca no estado. Autor ainda de *Maria Valei-me*, *Novos Contos Piauienses*, *Tiradas do Tio Sinhô*, *A Melancia do Presidente* e das peças *Reisado da Minha Terra* e *Estamos Todos Inocentes*, Wellington Dias é, também, governador do estado do Piauí.

LIVRO

NO GOZO DOS PÁSSAROS NÃO HÁ SOLIDÃO

ITALO LIMA
ÁREA DE CRIAÇÃO

O piauiense Ítalo Lima, publicitário, poeta e membro da Academia de Letras de Teresina, lança seu terceiro livro: *No gozo dos pássaros não há solidão*, que traz crônicas eróticas e satíricas. O novo livro aborda questões como a liberdade dos corpos e os prazeres aprisionados e reprimidos pela sociedade. Os textos, ora cômicos, ora irônicos, pretendem trazer questionamentos sobre como o conservadorismo molda nossas relações. *No gozo dos pássaros não há solidão* foi contemplado pelo prêmio Maria da Inglaterra, com apoio dos governos do Estado e Federal.



LIVRO

TORTO ARADO

ITAMAR VIEIRA JUNIOR
TODAVIA

Torto arado é um dos romances mais premiados dos últimos anos. Escrito pelo baiano Itamar Vieira Junior, geógrafo e doutor em estudos étnicos e africanos pela Ufba, já recebeu o Prêmio LeYa de romance, o Jabuti de melhor romance literário e o Prêmio Oceanos de literatura. A história das irmãs Bibiana e Belonísia vem conquistando leitores Brasil e mundo afora, e retrata, com muita habilidade narrativa, um Brasil que, ainda hoje, teima em não apagar de modo definitivo a chaga e a vergonha de seu passado escravista e seu racismo estrutural. (ver entrevista com Itamar Vieira Junior nesta edição)

FILME

UMA NOITE EM MIAMI

DIR. REGINA KING
AMAZON PRIME VIDEO

One Night in Miami (no Brasil, *Uma noite em Miami*) é o primeiro trabalho da atriz Regina King como diretora no cinema. Adaptado da peça teatral homônima de Kemp Powers, o filme se passa quase que inteiramente dentro de um quarto de hotel, no mesmo dia em que Cassius Clay ganha seu primeiro título mundial como boxeador. No roteiro, uma imaginária, longa e vigorosa discussão entre quatro amigos – também amigos na vida real: Clay (que logo se tornaria Muhammad Ali), o ativista negro Malcom X, o cantor Sam Cooke e o jogador de futebol americano Jim Brown – sobre temas como racismo, direitos e cidadania e igualdade.

UM OUTRO OLHAR
POR DIEGO MENDES SOUSA

A TERRA E O SER

Chorar
desnuda
o ser.

A chuva
encharca
a terra.

O choro
limpa a alma,
molha o rosto,
lava o tempo
e a saudade.

O mar
escapa
pelas
artérias
da dor.

Chorar
é enxurrada
de beleza
que arrasta
as palavras
de amor.

A VESTE

Faz pouco fui tomado
pelo surto da beleza
passei instantes
combatendo ascese
sem alarde

Depois derramei
a poesia transcrita
em sânscrito de glória

Compartilho-te
porque somos vizinhos
irmãos de caravelas
paralelas
ao carvalhos em chuva
nos atalhos de veludo

Teus cabelos grisalhos
são meus talhos tardios
e meu sobretudo de retalhos

dormias
e eu bem perto cantava

BALADA DO FIM

Grande inspiração da existência
Musa da crença viva
invade-me agora um vazio
irreparável e nostálgico
Não foi bastante o amor
pois o canto parte sozinho
às lágrimas de sangue
Escrevo por acreditar
que o mundo é mutável
que os pássaros voam
e o destino é incerto
Mais tarde a noite é metálica
na compleição poderosa
do deserto firmamento

O MELHOR DA VIDA PARA QUALQUER IDADE

Há mais de 20 anos levando a felicidade para ciclistas de todas as idades, a Houston faz parte do dia a dia de milhares de brasileiros que desfrutam da bicicleta, ora como meio de transporte, ora como meio de lazer e até como modalidade esportiva.

Nas ruas, nas trilhas, em parques ou rodovias: Eu vou de bike, eu vou de Houston!

HOUSTON

www.houston.com.br

BRANCO SIGNIFICA PAZ.
PARA NÓS, TRABALHO!

Você é uma COR da nossa História

HALLEY
Gráfica • Editora • Cartonagem